

AÍDEIA NACIONAL

REVISTA MONARCHICA SEMANAL ILLUSTRADA ·
POLITICA · ARTE · LITTERATURA · MODAS ·
ELEGANCIAS · SPORT · ESCRIPTORIOS · RUA DA
EMENDA, 45 · LISBOA · · · · ·

JOSÉ PACHECO
REDACTOR ARTISTICO

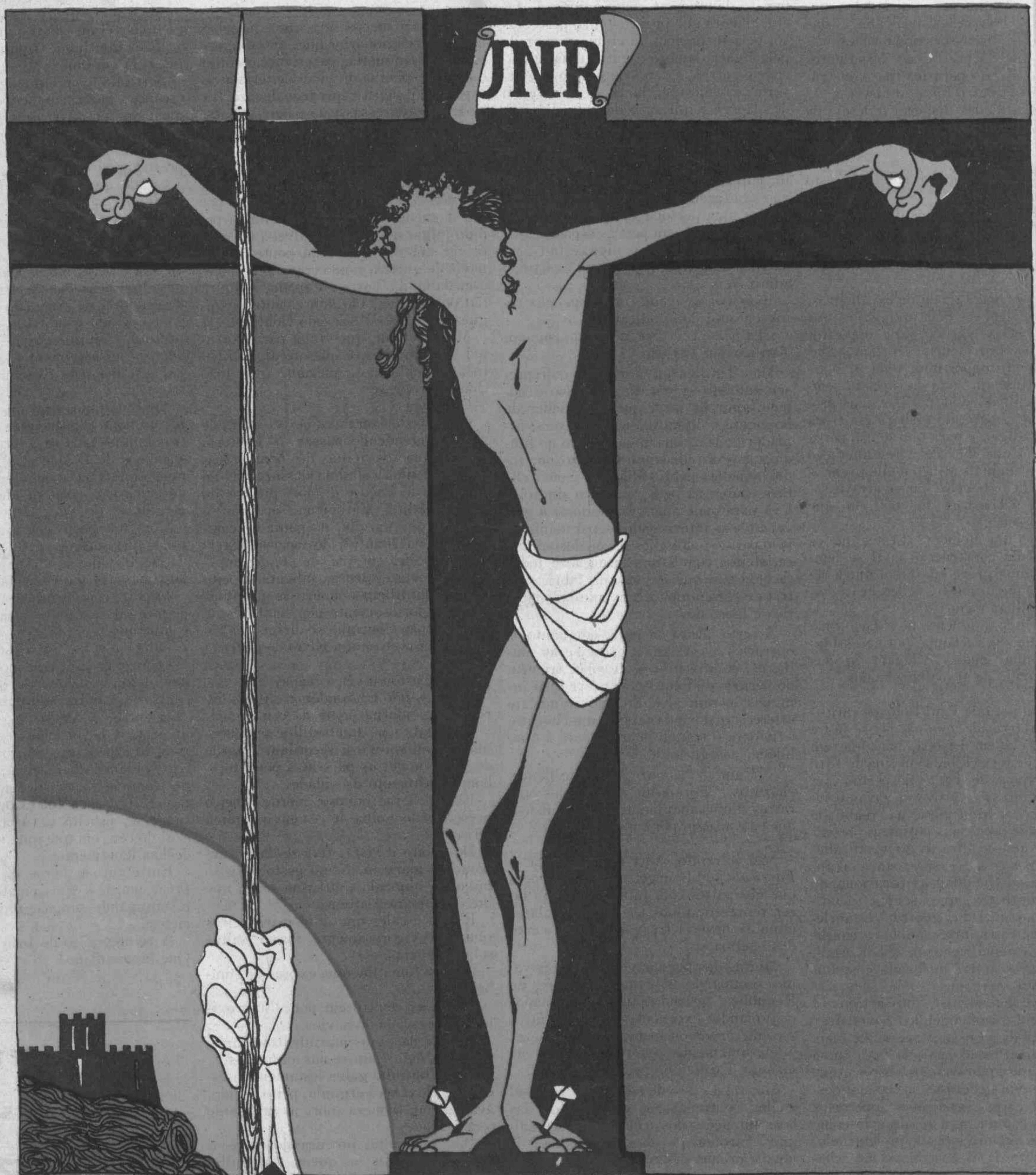
HOMEM CHRISTO FILHO

DIRECTOR
DOMINGOS CARVALHO MEGRE

GERENTE
JOÃO DO AMARAL
REDACTOR EM CHEFE

PROPRIEDADE DE HOMEM CHRISTO FILHO E DOMIN-
GOS MEGRE · EDITOR · ANTONIO COSTA · COM-
POSTO E IMPRESSO · GRUPO LINOTYPISTA · RUA
DO POÇO DOS NEGROS, 81 · · · · ·

VICTOR FALCÃO
SECRETARIO GERAL



**Semana
Sancta**

(Composição inédita de ALMADA NEGREIROS)



POR

ALVARO PINHEIRO CHAGAS

Na semana finda dois assumptos constituiram principalmente o objecto das conversações nos cafés e das discussões nos jornaes.

Um d'esses assumptos foi a grêve dos operarios da construcção civil. O outro foi a amnistia.

Nenhum d'elles desperta o desejo de quaesquer considerações.

O da grêve é antipathico. O da amnistia é grotesco.

Ambos elles poderiam ir para o cesto dos papeis.

A grêve dos operarios das construcções civis nada tem na verdade a recomendar a sympathia do publico.

Está-se atravessando uma crise tremenda.

A não ser meia dúzia de cavalheiros, bem relacionados e bem protegidos, que fornece coisas varias para depositos que acasos providenciaes fazem arder no momento opportuno, toda a mais gente aneia, em vista da carestia sempre crescente da vida, por que mais proventos lhe appareçam embora em troca de mais fadiga; e para que se não perca o trabalho que lhes dá a remuneração de que vivem mais afincos n'elle põem os que, em meio da crise que se atravessa, teem tido a boa sorte de ter em que ganhar o seu pão.

Pois é n'um momento d'estes que os operarios da construcção civil se lembram de uma grêve em que a unica reclamação que fazem é... a de que os deixem trabalhar menos.

Não pedem augmento de salario, não allegam na sua reclamação a necessidade de ganhar mais. Allegam apenas a necessidade de trabalhar menos.

Ha uma peça de Paul Bourget intitulada *La Barricade*, que não sei se já foi representada em Lisboa, mas que em Paris, onde foi exhibida em fins de 1910 ou principios de 1911, despertou um grande interesse e provocou vivas polemicas, não porque fôsse na realidade uma grande peça, mas porque representava um ataque directo ao syndicalismo, que por essa occasião estava creando grandes difficuldades e ocasionando graves conflictos, que, sem a sacudida formidavel da guerra restabelecendo como um forte *douche* o equilibrio no systema nervoso da França, posivelmente a teriam levado ao aniquilamento.

Bourget defendeu-se em artigos e conferencias, pretendendo demonstrar a injustiça da accusação que se lhe fazia de ter manifestado na sua peça uma parcialidade favoravel aos patrões, que elle descrevia generosos e rectos, e desfavoravel aos syndicatos operarios que da acção da peça ressaltavam como elementos exploradores do proletariado, que adeante de si levavam como rebanhos de carneiros.

Mas a verdade é que o syndicalismo sahia muito mal ferido de toda a acção da peça, tanto mais que nas ultimas

scenas a figura do unico *meneur* convicto, apostolo entusiasta do syndicalismo, se denunciava como agindo de facto, embora elle proprio o não percebesse, pela influencia do ciúme provocado pela ligação amorosa entre uma operaria e o patrão, e dando assim do que deveria ter sido uma luta de classes a desoladora explicação de se tratar afinal de contas de uma luta de individuos.

Quasi todas as figuras da peça estão incompletamente traçadas, e d'ellas se não fica fazendo ideia precisa e clara.

Mas uma personagem ha na *Barricade* que, embora em poucas scenas appareça e poucas palavras diga, está traçada com uma fidelidade, uma exactidão admiraveis.

Essa personagem é a do *meneur* representante do syndicato.

Chama-se elle, se me não engano, Tardieu ou Tarbeuf.

Mas Tardieu ou Tarbeuf, o representante do syndicato operario, é homem apurado no trajar, apreciador de boa meza e de moveis confortaveis, fumador de bons charutos e tendo no fundo um profundissimo desprezo por todos aquelles pobres diabos, — como elle lhes chama na peça, — que o syndicato leva para onde quer, forçando-os á grêve, embora interrogados separadamente pelo patrão todos elles se vão declarando satisfeitos com a sua situação e todos reconhecem que o dono da fabrica os trata e os remunera com equidade, justiça e bondade.

A certa altura da peça, enquanto os operarios acclamam a grêve, e as mulheres, com os filhos ao collo, tremem do periodo de fome que a grêve lhes annuncia, o representante do syndicato offerece ao dono da fabrica um charuto.

E para o tranquilisar, quanto á qualidade, assegura-lhe:

— Fume... fume... São excellentes charutos... Foram-me dados pelos operarios d'uma manufatura de tabacos que eu consegui pôr em greve.

Não é, repito, uma grande peça a *Barricade*, de Bourget, mas é uma peça que nos paizes com juizo se deveria fazer representar nos theatros populares e que se deveria levar ao conhecimento dos operarios.

Muitas das personagens que hoje vemos occupando os primeiros logares da Republica, gosando pingues ordenados e fumando excellentissimos charutos, reconheceriam os operarios portugueses fidelissimamente photographados no *meneur* Tardieu da peça de Bourget.

Mas talvez isso de nada lhes servisse, e elles continuassem convencidos das boas intenções dos *meneurs* e em qualquer Tardieu que lhes apparecesse de novo a prometter-lhes o bacalhau a tres vintens elles acreditasse com a mesma ingenuidade com que o acreditaram quando lh'o prometteram antes da Republica.

Mas d'esta vez vencem... vencem... que os Tardieu estão no poder.

Não são menos ingenuos aquelles meus correligionarios que, antes de apparecer a amnistia, pareciam acreditar que nas espheras officiaes se teria a coragem de permittir que João de Azevedo Coutinho regressasse ao paiz e voltasse a occupar o seu posto na marinha portugueza.

Que ingenuos eram os que tal suppunham e como desconhecem o feitio dos que n'esta terra mandam, para que por um momento sequer assim tenham podido julgar que fôsse possivel a tal gente vêr um dia surgir na ponte de um navio de guerra, tendo cravada no peito a medalha da Torre e Espada, a figura tão portugueza, tão nobremente portugueza, de João d'Azevedo Coutinho!

Mas que sim, que vinha para Portugal, diziam elles, e que até alguns heroes republicanos queriam que João Coutinho viesse.

Ora adeus!

Como poderiam esses heroes do 14 de maio, pretendendo passar á Historia pelos gloriosos feitos do bombardeamento de uma columna das arcadas do Terreiro do Paço e de dois predios do Alto de Santa Catharina, aceitar a ideia de que um dia, da ponte do commando, poderiam vêr destacar-se de terra um escaler em que, de pé, desempenada a forte estatura, saliente o peito em que seintillam as honrosas medalhas ganhas gloriosamente nos combates de Africa, João Coutinho se dirigisse a tomar o seu posto n'um navio de guerra?

Ah!... estou a vêr a scena.

Estou vendo um qualquer d'esses heroes paseando na ponte do commando.

Em baixo no tombadilho os marinheiros olham-n'o e recordam a tarde de 14 de maio, as passeatas pelo rio, o bombardeamento da cidade.

Elle, o heroe famoso, morde o beijo preocupado e olha de vez em quando a terra.

De subito a vista fixa-se-lhe n'um ponto da margem. N'um gesto nervoso puxa do binoculo e affirma-se no que lhe despertara a attenção.

E' um escaler que doze marinheiros remando vigorosamente fazem saltar sobre as ondas.

O rosto toma-lhe uma expressão sombria.

O escaler dentro em pouco aproxima-se da escada do navio.

Os officiaes e os marinheiros, curiosamente, debruçam-se nas amuradas.

João Coutinho galga lestantemente a escada, e, de cabeça erguida, peito sahido, avança com firmeza sobre as tabuas do tombadilho.

Olha em volta, procurando entre os officiaes aquelle a quem tranquillamente, n'uma obediencia ás ordens do seu Rei vae apresentar-se, julgando a Patria em perigo.

Não o avista.

O outro conserva-se na ponte do commando, agarrando-se nervosamente á grade, como a querer resistir a uma força invisivel que d'ali o arranca.

João Coutinho, finalmente, distingue-o lá em cima.

Sorrindo, com aquelle seu sorriso de creança, tão cheio de bondade, o homem que em Africa arriscara dezenas de vezes a vida pela gloria da sua Patria, pela honra da sua bandeira e pelo prestigio da sua farda, sobe lentamente a escada que conduz á ponte do commando.

Mas a meio pára.

O seu olhar espraia-se em volta, e n'um relance abrange o azul purissimo do céu, o verde escuro das aguas, a alegria luminosa das casarias de Lisboa, descendo lá de cima, do alto das collinas, e vindo esmorecer cá em baixo, junto das muralhas que as ondas lambem, n'um movimento de vae-vem.

Passa-lhe pelo rosto uma nuvem de tristeza.

Os seus olhos cravam-se por instantes no ponto da margem de onde n'outros tempos partira, vibrante de enthusiasmo e de fé, para as suas campanhas de Africa, e onde depois voltara a desembarcar, cheio de alegria e coberto de gloria.

Com um gesto energico da cabeça como que sacode para longe as recordações que lhe assaltam o espirito e as lagrimas que lhe embaciam os olhos.

Depois, com decisão, sobe os ultimos degraus da escada e pisa a ponte do commando.

Olha em volta... Está só...

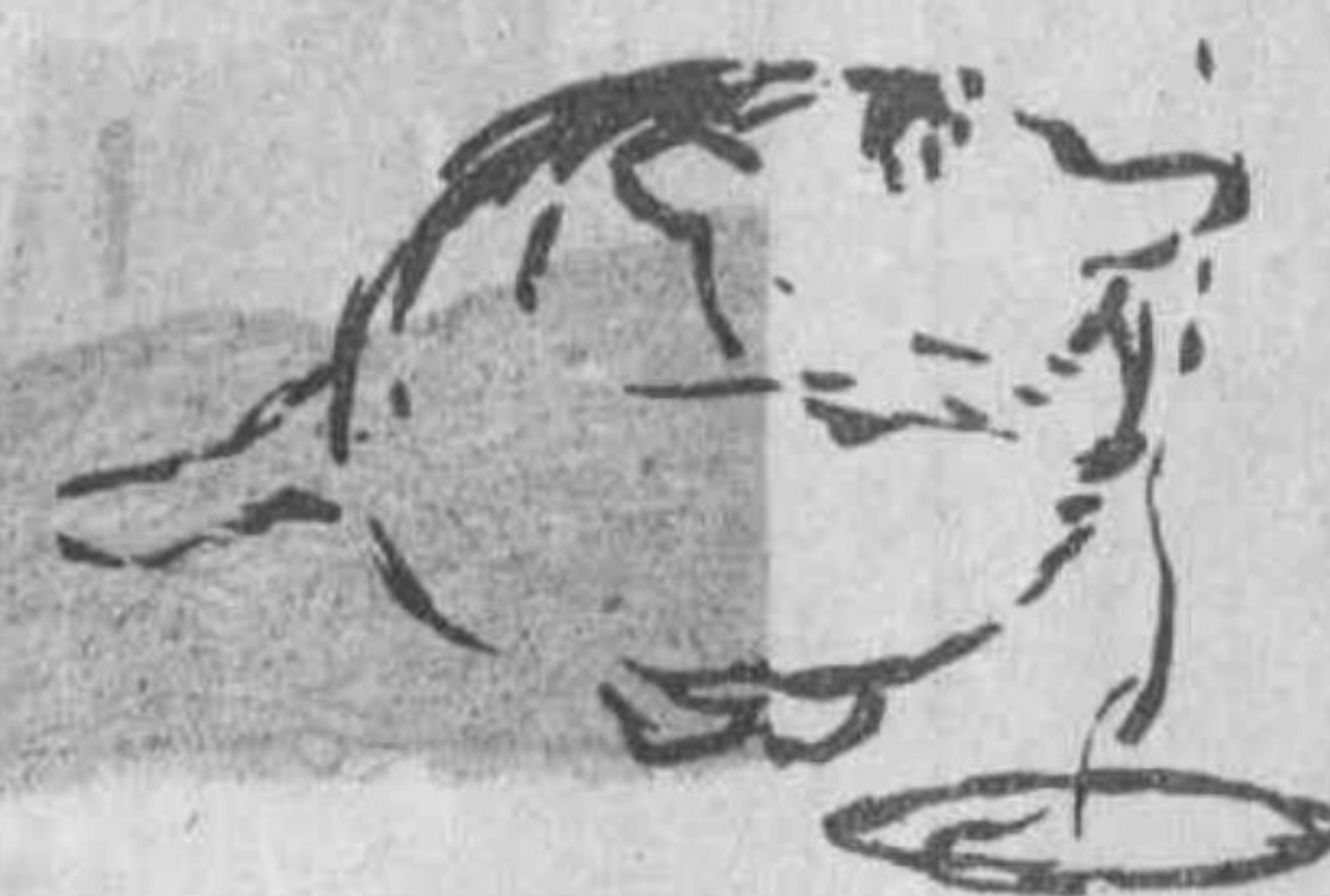
O outro desce n'esse momento os ultimos degraus da escada que, pelo lado contrario, conduz ao tombadilho.

E então, cá de baixo, de junto das amuradas, os officiaes e os marinheiros, de cabeça um pouco deitada para traz, olham lá para cima, para a ponte do commando, e, silenciosamente, fittam a figura de João Coutinho, destacando-se, esbelta e varonil, no fundo azul do céu, em que uma nuvem branca desliza lentamente.

Entretanto o heroe da Republica á prôa, morde furiosamente o bigode, resmungando pragas, rodeado de grumetes.

A reintegração de João Coutinho!... Que ingenuidade!

ANSELMO.



Cavalleiros do Resgate

POR

HOMEM CHRISTO FILHO

32:7
116

É

profundamente desolador e deprimente o espectáculo que offerece esta Patria abatida, esta raça dessorada, n'um dos momentos mais graves da história da humanidade.

Não sei qual foi o vil microbio que atacou o organismo portuguez, envenenou o nosso sangue e destruiu todas as nossas faculdades e virtudes. Mas fôsse qual fôsse, desde que microbio ha, desde que a intoxicação se produziu, é preciso destruir o elemento daninho e purificar as veias da Nação.

A crise attingiu o seu ponto culminante. Pouco mais se pode prolongar uma resistencia que já não tem durado pouco. N'este estado de fraqueza a mais ligeira perturbação na ambiencia internacional nos pôde dar o golpe decisivo.

Uma situação de tão eminente gravidade exige da parte dos espiritos que teem alguma influencia directiva na sociedade portugueza, a par d'uma serenidade e ponderação indispensaveis, actos de energia, uma orientação segura e inflexivel em todos os seus detalhes, uma harmonia absoluta entre a predicação e o exemplo. Da parte dos dirigidos disciplina e zelo no cumprimento dos deveres imperiosos que as circumstancias impõem, a comprehensão nitida do esforço que é preciso realizar, dos perigos que corre a nacionalidade e dos desastres e vergonhas que nos esperam se não atalharmos quanto antes o mal pavoroso que corroe o organismo colectivo.

N'este paiz, onde toda a gente fala em Patria, em Honra e em coragem, ninguém se preocupa com os interesses da Patria acima dos quaes estão, para cada um, os seus interesses pessoais ou os interesses de seita; a Honra faz comichões na epiderme inflamavel, mas não tem fundas raizes no coração nem na consciencia da grande maioria, e a coragem consiste apenas em andar para ahi ao sopapo pelas esquinas. Nem o amor da Patria nos leva ao sacrificio pelos seus interesses supremos, nem o culto da honra nos impede de commetter deshonestidades sem nome, nem a coragem nos conduz, de frente erguida e coração contente, ao campo de batalha onde se derinem as pendencias das nações e se lavam com sangue as affrontas dos extranhos.

Já vae longe o tempo em que os portuguezes sabiam entrar sem temor na ante-câmara da Morte!

Hoje o medo verga-lhes as pernas, dobra-lhes a consciencia e comprime-lhes o coração como se o perigo não fosse, como diz d'Annunzio, o eixo da vida sublime! Como se morrer com honra e gallardia não fôsse o coroamento digno e necessario da vida terrestre e o preço por que se paga o direito á eterna bem-aventurança!

O medo da Morte é o estygmia ignominioso dos fracos, dos condemnados, dos escravos; o symptoma da degenerescencia moral e physica dos homens e dos povos; a negação do direito á vida que só se ganha, lutando e vencendo, quando se sabe olhar de frente, sem tremer e sem pestanejar, a porta mysteriosa que todos, inexoravelmente, deveremos transpôr.

Eduquemos os rapazes que hoje frequentam as escolas e serão amanhã os arbitros dos nossos destinos, no culto do heroismo, no culto do passado e das virtudes seculares da Raça. Ensinemos-

lhes a desprezar o perigo, a correr todos os riscos, a affrontar todas as catastrophes de animo sereno. Dêmos-lhes, por uma sã educação sportiva, musculos de aço, sangue ardente e fecundo. Arranquemos o algodão em rama com que as mães lhes envolvem o peito e a alma e expunhamol-os, na nudez gloriosa da sua força, ás intemperies do tempo e ás convulsões revigoradoras do destino.

E d'aqui a uns annos, em lugar da mocidade indolente e corrompida de Athenas, Sparta resurgirá, triumphante e invencivel, nas margens do Atlantico, onde não deve haver limites para o espirito e a ambição dos homens, como os não ha para a profundidade d'este mar e a extensão d'este horizonte immenso.

Se ainda ha n'este paiz trinta homens de coragem e de fé, juntem-se sem tardança, toquem os sinos a rebate, toquem os clarins a reunir e dêem batalha, em campo razo, á cobardia nacional, á mentira nacional, á indisciplina nacional. Falem menos em Patria e sejam mais patriotas; falem menos em honra e sejam mais honrados; falem menos em coragem e sejam mais valentes.

Em nome dos interesses supremos e sagrados da Patria em perigo, surjam, appareçam e vençam os *Cavalleiros do Resgate!*

HOMEM CHRISTO FILHO

A POLITICA

POR

JOÃO DO AMARAL

I — A AMNISTIA

AMNISTIA todos os portuguezes condemnados por delictos de pensamento ou acção politica e inhibidos de cumprirem plenamente o gostoso dever de servir a Patria, devia ser o primeiro artigo insculpto nas taboas d'uma legislação verdadeiramente nacional. Mantel-os na proscricção ou sob as ignominias da morte civil, seria roubar á *União Sagrada* o melhor traço da sua grandeza, da sua elegancia moral e humana. Assim pensaram os homens de bom senso quando soou por sobre o paiz o alarme da guerra; assim cuidámos todos que pensasse o actual governo, mesmo em attenção ao prestigio da republica portugueza que, tendo dado ao mundo os maiores exemplos de banditismo politico, não ganharia pouco em mostrar-se agora superior ao barro vilissimo da sua natureza.

Mas logo nós primeiros dias em que esta questão se debateu, ao cabo dos primeiros passos dados n'este caminho da verdade, nós podêmos vêr como a existencia d'um interesse republicano, anterior e quasi sempre alheio ao interesse da Nação, faz que os mais singelos problemas de politica nacional se compliquem e atinjam por vezes um lamentavel estado de insolvencia. Assim, a amnistia que deveria revestir uma singular feição de espontaneidade e grandeza, foi motivo de que se abrisse uma crise irritante no seio do governo, de que se ferissem arduas pelejas no jornalismo indigena e de que se esquecessem, durante longos dias, outros mais formidaveis acontecimentos da vida contemporanea; ao cabo de tudo isso, resolvida

a crise, fatigada a prosa dos periodistas e assoegado o espirito publico, eis que o ministerio propõe e o parlamento approva um projecto de lei adrede, d'onde ficam excluidos alguns dos raros portuguezes que, em meio seculo de paz e indifferença, expozeram a vida e desbaratarem o sangue das suas veias na defeza do nosso territorio. Exclusão esta que, longe do tempo e do espaço em que vivemos, parecerá bem extranha e singular...

II — PERCA-SE TUDO, MAS SALVE-SE A REPUBLICA!

As declarações feitas no parlamento pelo chefe do governo e os esclarecimentos da imprensa republicana, explicam d'uma forma clara e simples a solução miseravel que teve este incidente da nossa vida politica. Essas declarações e eses esclarecimentos, tendentes a demonstrar que, sendo sendo Paiva Couceiro, João d'Azevedo Coutinho e outros proscriptos, adversarios irreductiveis da republica, não podia o governo amnistial-os, — definem claramente o criterio seguido pelo gabinete na laboriosa dispensa das suas generosidades. Todos nós o conheciamos já, esse criterio chamado «de defeza republicana»; simplesmente nos choca vê-lo reaparecer agora, usado por um governo que, dizendo-se nacional, deveria resolver todos os problemas sob o ponto de vista do interesse commum e não sob o ponto de vista do interesse republicano; simplesmente nos parece abominavel que n'este momento se anteponha a defeza da republica á defeza da Nação, com grave risco de a comprometterem na sua estrutura moral, mercê de uma infamia que, ferindo alguns dos melhores cidadãos portuguezes, desorienta e entristece todos os homens de boa-vontade.

O governo proclamára a necessidade de se realizar, ante o poderoso adversario que nos ameaçou, a união sagrada de todas as energias, de todos os esforços e mesmo, porventura, de todos os balbucios de prece que são sempre na vida das mulheres e das creanças, o mais nobre e positivo aspecto da acção. Defendendo agora no parlamento as restricções da amnistia, isto é, justificando-se de ter sido o primeiro a traír este programma de *União Sagrada*, o chefe do governo affirmou e pretendeu demonstrar que o seu appello não fôra escutado por quantos deviam patrioticamente entendel-o. A esta accusação que envolve todos os monarchicos e que se propõe defender a proscricção dos seus primeiros dirigentes, não nos é licito já responder com desmentidos e contraprovas; ainda que fôsse verdadeira, ella nunca poderia auctorisar o governo a não executar, elle proprio, a sua propria voz e a justificar, com o erro dos outros, o não cumprimento dos seus deveres para com a Nação.

III — A VERDADEIRA RAZÃO

Mas não nos irriteemos! São profundos e talvez irreparaveis os prejuizos que este caso trouxe á economia da vida nacional; bastará, no emtanto, que uma só intelligencia tenha comprehendido as dolorosas lições que n'elle se conteem, para que nós demos um passo seguro no caminho do resgate.

O presidente do ministerio esboçou, sobre o patriotismo dos realistas exilados, algumas affirmações tanto mais calumniosas quanto é certo que elle proprio devia possuir as provas plenas do seu desacerto. Mesmo escorada no forte tripé dos poderes constitucionaes e na posse de todos aquelles que lhe forneceu este momento excepcional, a repu-

blica teve de mentir para defender-se. Afastando do serviço da Nação os homens que melhor a teem servido, o governo da republica não pretende garantir a sua tranquillidade presente visto que nenhum perigo a ameaça; o seu intento é premunir-se contra as incertezas do futuro evitando que esses homens possam readquirir, no contacto das classes a que pertencem e por effeito de novos serviços prestados á Patria, uma força e um prestigio que façam perigar o futuro do regimen. Perante esta possibilidade longinqua, não ha interesse nacional que prevaleça nem amor da verdade que subsista; os patriotas esquecem-se da Patria, e os profisisonaes da honradez esquecem-se da honra...

IV — A AMNISTIA DE EL-REI

Não, não é já na terra de Portugal que as nossas almas podem encontrar exemplos da antiga nobreza e clara intelligencia lusitana. O eixo da nossa vida moral deslocou-se para o paiz melancolico do exilio: vejamos como estão superiores a esta miseria democratica o pensamento e a vontade de El-Rei.

Longe da Patria, esbulhado da herança que seus Paes lhe legaram, magoado no seu prestigio, na sua dignidade pessoal e profissional, pela calumnia republicana, El-Rei teve, ao declarar-se a guerra com o imperio allemão, um unico pensamento e uma unica vontade; o telegramma em que Elle nos ordenava que appoiassemos o governo da Republica, submettendo os nossos interesses partidarios ao supremo interesse da nacionalidade, foi bem claro e terminante.

Aggravos e crimes, tudo esqueceu. Esse telegramma é um decreto de amnistia em que não ha restricções nem calculos politicos e que abrange, entretanto, todas as infamias commettidas pelo partido republicano contra a sua magestade e contra a sua honra; não foi porque da sua memoria se afastasse a visão d'aquella tragica tarde de Fevereiro em que Seu Pae e Seu Irmão foram cobardemente assassinados, não foi porque de todo se apagasse a lembrança dos insultos que as Rainhas da sua Casa e Elle proprio soffreram, que El-Rei assignou essa magnifica lei de esquecimento: — foi simplesmente porque acima de todos os crimes, de todos os ressentimentos e de todos os interesses individuaes, o animo do Monarcha des-cortina sempre o interesse da sua Patria; e desde que os designios sagrados da hereditariedade o elegeram como incarnação momentanea d'esse interesse constante e ligaram o drama da sua vida á vida da Nação, El-Rei não poderia humanamente deixar de proceder como procedeu.

V — INTERESSE MONARCHICO E INTERESSE REPUBLICANO

Mas se o não moveram, em sentido contrario, as razões de sentimento e affectividade a que me referi, um outro forte motivo, o do interesse dynastico, deveria talvez embargar a sua proclamação de politica nacional: — se a republica, para defender-se, fecha as portas da Patria a meia duzia de cidadãos portuguezes, mais bastas razões assistiam a El-Rei, cuja causa não tem por si nem as bayonetas da tropa, nem as sentenças da justiça, nem as leis do parlamento, para não depôr em face do adversario os poucos elementos de triumpho que lhe restam.

Este contraste é, certamente, digno de ser meditado. A attitudo de El-Rei não constitue apenas um nobre exemplo de abnegação, do mesmo modo que a attitudo do governo republicano não re-

SEXTA-FEIRA MAIOR

POR

ANTONIO SARDINHA

presenta só um novo acto de banditismo. Os mesmos motivos pessoais que levaram os chefes da republica a não sacrificarem o seu interesse ao interesse da Patria poderiam talvez fazer que El-Rei lhe não sacrificasse tambem os interesses da sua Causa, se por acaso não existisse, entre os motivos d'ordem pessoal que determinam a acção monarchica e os motivos d'ordem pessoal que movem a actividade republicana, uma differença absoluta, inherente á propria natureza d'estes dois systemas politicos:— Os homens que ligaram a sua vida á vida da republica sabem que uma semelhante communhão de interesses não persiste após o termo da sua existencia; elles não ousam, pois, descuidar um só instante, ainda que em beneficio da Patria, a defeza e a conservação d'um estado de coisas cujo disfructo é forçoso aproveitar durante os breves momentos que o acaso lhes offerece; dentro do regimen republicano, não pode esperar-se a satisfação posthuma dos interesses pessoais ou partidarios que, n'uma hora de abnegação, se sacrificaram aos interesses da comunidade. Dentro do systema monarchico, já não succede o mesmo: El-Rei D. Manuel sabe que se o sacrificio do seu interesse pessoal e dynastico lhe não valer da justiça de Deus ou da justiça dos homens a immediata reparação que merece, nem por isso elle ficará inutil ou será prejudicial aos direitos da sua Familia; esse sacrificio e esses direitos constituem o patrimonio dos seus descendentes; e por mais que tarde, sempre ha-de chegar a hora em que a Nação lhes restitua os serviços de lealdade e abnegação que El-Rei agora tão nobremente lhe prestou.

JOÃO DO AMARAL

A'S NOSSAS LEITORAS AOS NOSSOS LEITORES

A Ideia Nacional no intuito de corresponder á gentileza com que o publico a tem acolhido, resolveu dar um grande desenvolvimento á sua Secção Commercial.

Assim todas as pessoas, residentes na provincia ou no estrangeiro, que desejarem adquirir em Lisboa quaesquer objectos podem dirigir-se-nos na certeza de que nos esforcaremos por compral-os nas melhores condições de preço e qualidade sem exigirmos por este serviço nenhuma especie de remuneração.

O que se torna necessario é fazer acompanhar cada pedido do recorte do titulo da nossa revista (para nos certificarmos de que quem se nos dirige pertence ao numero dos nossos leitores) e de uma estampilha de 50 réis destinada a reembolsar-nos das despesas de expediente d'esta secção.

E fiquem certos de que, quem recorrer á Secção Commercial da nossa revista é servido bem e com presteza.

Feria VI in Paracesve... E a alma conturbada da Igreja repete agora os eccos doloridos da Paixão. Já ahi vem a lua da Paschoa, deixando pela esteira largados céus uma jornada detriumpho. Florescem os lilazes. Anda no ar, desfeito em tentações enleantes, o mysterio dos perfumes que regressaram da sua ilha ignorada. E' a apothese franca da Vida. Passa um alvoroço de orgia heroica n'este resfolegar bravo de abril. Estonteam as influencias phallicas do Signo. E, no emtanto, a alma da Igreja perturba-se, — *tristis est anima mea, Domine!*

Na penumbra dos templos clamam-se gritos agudos de agonia. Ha como que uma vigilia funebre. E' amarellenta a luz dos cirios,—um grande drama se celebra no recato do santuario. Ao anoitecer do mundo antigo era esta a data em que as mulheres de Byblos iam chorar sobre o corpo dilacerado de Adonis. Choremos nós tambem sobre o corpo d'um Deus chagado. Mas esse Deus não é um Deus que desce para sempre ás sombras inferiores do tumulo. E' o Deus feito Homem que assume a nossa condição carnal para que as profecias se cumpram e a face da terra se renove debaixo do signal amplissimo da Graça.

A Antiguidade, desgarrada pelos caminhos escuros do erro, não perdera nunca a promessa longinqua d'uma redempção. Do fundo dos séculos, Jesus, —O que ha de vencer a morte, é esperado por sibilas e por videntes. Eil-o que pende da cruz na resignação submissa d'um cordeiro imolado. Elle veio como a chuva da tarde que é breve e acaba logo. Mas desde que o sangue do Justo assignalou a escarpa do Calvario, a dôr humana teve um sentido, teve um sentido o enigma tragico da Existencia. Meditemos um pouco os passos angustiosos da Paixão. Sexta-feira Maior—*feria VI in Paracesve*. São as vespuras da Paschoa,—ouve-se lá fora o uivo sensual da primavera. No emtanto, a Igreja perturba-se — *tristis est anima mea Domine!*

Remava no Mediterraneo Thamuz—o piloto de Alexandria. Foi então que d'uma ilha deserta uma voz de luto exclamou: —*Thamuz! Thamuz!* O grande Pan morreu! E o mar encheu-se de alaridos angustiosos, subiu para os astros não sei que côro de lastima profunda. O grande Pan morrerá. E, embaraçado, o piloto de Alexandria correu a Capréa a contar a nova a Cesar Todo Poderoso. Seria o anno de 33 e Poncio Pilatos, procurador da Judea,

relatava de longe a Tiberio o supplicio extranho d'um illuminado. O grande Pan morrera. E no cortejo que começa a descer as penhas hostis do Golgotha, escancaram-se de par em par os batentes da historia para o milagre espantoso das civilizações futuras.

E a Igreja repete os lamentos do Psalmista. Sexta-feira Maior,— Missa dos Pre-santificados. Oh, o assombro dominador da liturgia, em que os simbolos se excedem na materialisação do Sublime! Está consummado o sacrificio,—vae já cantada a Paixão. Entoam-se as Admoestações, em que o primado universal da Igreja se exalta até Deus-Vivo, chamando para o seu rebanho os «Hereges scismaticos, os Gentios e os Pagãos.» Todo o pensamento social do Christianismo se adivinha n'esse momento solenne do ritual, em que a unidade da Fé se nos revela como a unica unidade possivel. Descobre-se depois a Christo crucificado. E' a adoração da Cruz. Eu não conheço patetico mais alto que as queixas supremas do «*Populus meus.*» «*Meu povo, que te fiz eu, em que é que te contristei? — responde-me. Porque te extrahi da terra do Egipto, preparaste uma cruz ao teu salvador?*» E o dialogo desenrola-se em soluços elevados, a que o commentario do Trisagio-grego empresta verdadeiros arrancos de agonia. Curvemo-nos diante da extraordinaria cerimonia. Porque a primavera nos queima as veias em impetos de peccado, é que o Senhor se debate nas agruras do tormento. E' a obediencia que Elle nos ensina, enquanto os lilazes que florescem e as seivas fortes que ondeiam só nos levam atraz da mentira da nossa propria mentira. Sexta-feira-Maior. E o *Populus meus* arrastase na penumbra dos templos. «*Eu te elevei a um alto Poder, e tu me suspendeste no patibulo da Cruz. Povo meu, que te fiz eu, em que é que te contristei?*»

Quem é que ha ahi que não perguntasse já a si mesmo d'onde é que vinha e para onde iria? Oh, pergunta sem resposta, que só o martirio de Christo nos aclara! Ainda hontem nas galas de quinta-feira de Endoenças, o *Pange lingua* annunciou aos nossos ouvidos duros: «*Ceda ao Rito novo o Documento antigo, suppra a religiosa Fé a falta dos sentidos.*» Psicólogos, aprendei! A Fé nos conduz para além dos sentidos, — para o prolongamento invisivel em que a nossa vida mergulha, como n'um oceano sem limites. Tudo se sorve na mesma guela sofrega e á nossa frente, sempre implacavel, a dôr continúa. A dôr só a vence o soffrimento. Soube soffrer o mundo antigo? N'uma tragedia de Euripedes, Diana, porque é immortal, não pode chorar. Petronio abre as veias entre verbenas e a frieza stoica de Marco Aurelio é o exemplo mais erguido da alma pagã. E' a renuncia,—não é o sacrificio. O sacrificio amanheceu para o homem, como a nobilitação da sua angustia, desde que Christo morreu.

Percorrei em peregrino a theoria das religiões. Só em Christo a natureza divina se torna humana para que a natureza humana se torne divina. Pequenos Renans, meditae! Meditae commigo este nocturno de sexta-feira-Maior. Lá fora anda a lua da Paschoa n'uma ascensão de triumpho. Sobe para mim o perfume dos lilazes. Mas os meus olhos procuram um retalho de sentimento eterno. Procuo a imagem de Christo,—uma imagem palida de marfim secular que já acompanhou a minha angus-

tia e que tantas angustias terá recolhido. Vivo um instante, como os mysticos, na minha humanidade a humanidade chagada de Deus feito Homem. E a palavra de Pascal no *Mysterio de Jesus*: «*A paixão de Christo se prolonga em nós*», grava-se dentro de mim como a evidencia invencivel da purificação pela dôr. «*Sim!*—diz-nos o LeGallic de Paul Bourget. *Como tudo na vida conclue no soffrimento e na morte, se o soffrimento e a morte não tivessem essa significação,—a significação d'um resgate, que significação haviam de ter,—que significação seria a da vida?*»

E em frente do meu Christo familiar, ocorre-me agora a lembrança do Christo dos primeiros séculos,—do Christo de S. Basilio, do Christo de Tertuliano. E' o Christo da Expição, feio, imundo, porque por humildade revestira as formas mais abjectas e chamara a face os peccados do mundo para em transe afflictivos os purgar. Não é o Christo jansenista,—o tremendo Christo julgador. Não é o Christo dos nossos dias,—o doce Christo do Perdão e da Paz. E' o Christo do Sacrificio, o Christo que morreu por nós e em Quem a nossa dôr se transfigura para os destinos impene-traveis da Immortalidade. E' esse Christo das iconographias primitivas que eu hoje levanto na minha evocação inclinada. Elle é para mim o Christo que arrancou a Santa Thereza o seu admiravel soneto á Humanidade do Salvador. E' o Christo-Homem. Recorde-mo-nos do Christo-Homem, padecendo como padecem os homens. Na manhã da Resurreição, Elle é já Christo-Deus. E' então a hora de Christo se recordar de nós.

Sexta-feira-Maior. Desceu o Senhor ao Tumulo. Mas o Tumulo não se cerrou no silencio pavoroso dos tumultos. «*A minha carne adormeceu na esperança!*»—reza a lettra inspirada da procissão do Enterro. Insculpam-m'a na pedra funeraria, quando os olhos se me fecharem para o derradeiro dos meus sonos. E enquanto a Igreja vigia sobre o sepulchro de Christo, descoalha-se em Monsalvato o sangue do Senhor. Parsifal é ungido pela graça poderosa do Mysterio. E a paixão de Kundry baptisa-se nas lagrimas dulcissimas do arrependimento. Kundry é a primavera que nos envia lá de fora o seu convite lubrico. Abençoemos a primavera em nome das agonias de Christo. Seja a nossa vida sanctificada pelo desejo espiritual de a não perdermos. Christo não nos manda odiar a Primavera: A Primavera é bella, são bellos os lilazes. Pois d'uma sepultura fria, quebrado o poderio da morte, Christo resurgirá para que a Primavera o aclame e os lilazes Lhe floresceram aos pés.

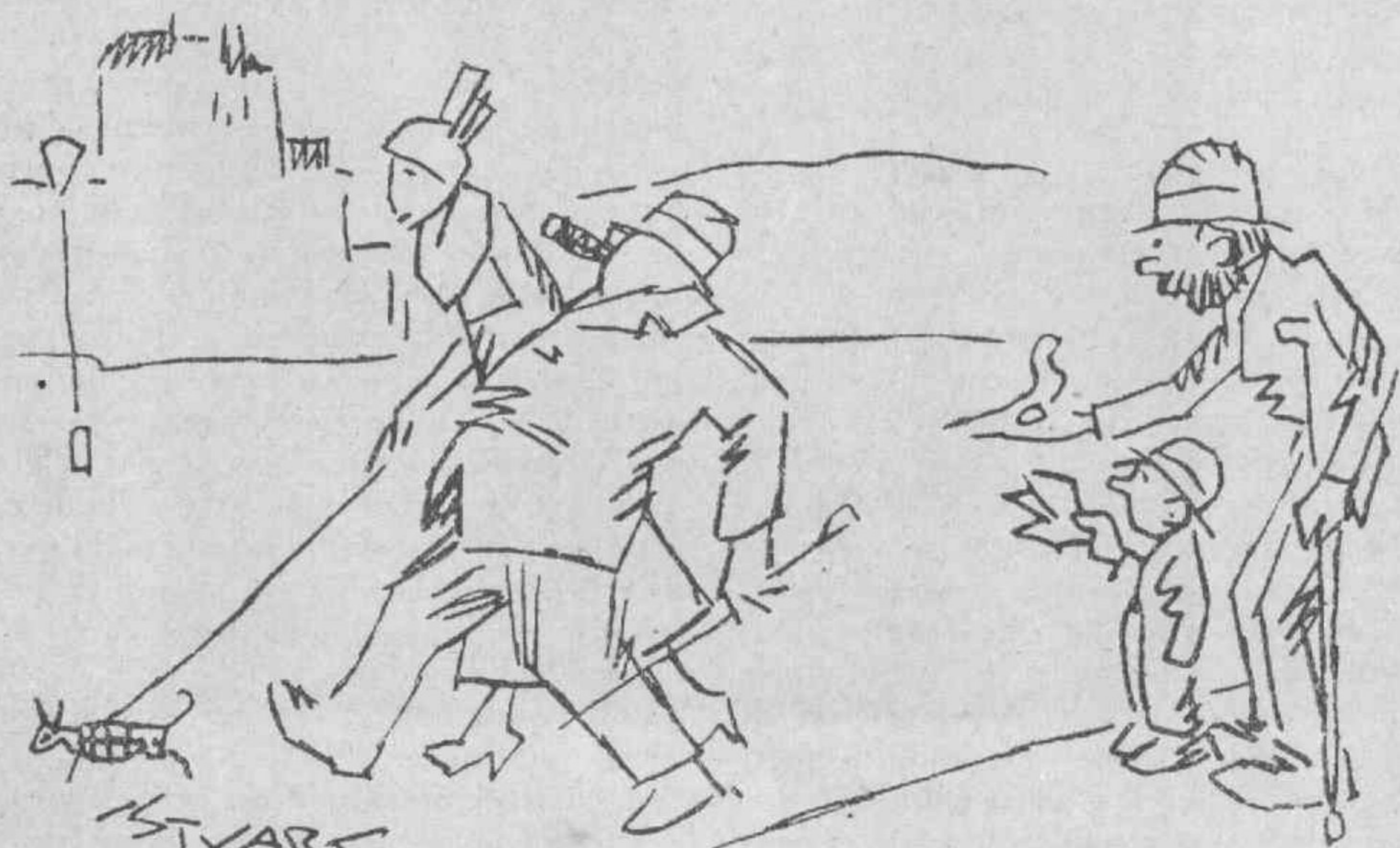
ANTONIO SARDINHA.

A IDEIA NACIONAL

PREÇOS
DE ASSIGNATURA
EM HESPAHNA
E
PORTUGAL

ANNO 2\$600
SEMESTRE 1\$300

RESTANTES
PAIZES
O DOBRO



O POBRE — Tudo augmentou menos a esmola!

O LIBELLO DE WELLESLEY

POR
ROCHA MARTINS

MAL terminavam as batalhas, n'esse periodo da guerra da península, os soldados recolhidos aos quartéis, procurava Wellesley, o comandante em chefe, com os officiaes inglezes, continuar os exercicios para ter sempre reservas frescas.

De quando em quando, ia um corpo d'exercito, Hespanha fóra, bater-se contra os francezes; andava no assalto, fazia prodigios, deixava mortos nos campos e no regresso ás aldeias recebiam-se em festa, os que tinham visto o fogo e vinham narrar proezas.

Por momentos esquecia-se a guerra. Nos adros das egrejas recommencavam os bailados, as raparigas enlaçavam-se com os soldados, despejavam-se toneis de vinho e ás sombras das arvores ou no lagedo das adegas os sapateados soavam nos fandangos batidos, as vozes erguiam-se nos landuns chorados.

A alma de Portugal repousava a preparar-se para novas refregas.

Depois, ficavam mulheres em pranto, velhinhas iam até ao fim das villorias acompanhar os filhos e os netos, quedavam-se a olhar a ultima poeira que os soldados levantavam, tirando os chapéus ás *Avé-Marias* e balbuciando:

—Deus os acompanhe!...

N'uma doçura infinita as velhas teciam ou fiavam, as moçoilas andavam atrás dos arados, bois loiros ruminavam nos prados as suas hervas e os garotetes guardavam-nos, segurando os pampilhos.

A' volta da guerra cantava-se de novo; resava-se pelos que ficavam debaixo da terra, um padre abençoava noivados no intervalo de batalhas, e esperava-se sempre que acabassem as luctas, para se voltar ao bello tempo placido em que tranquillamente corriam as existencias.

*

Mas dentro em pouco, havia tiroteio nas aldeias, as populações acorriam em grita, todos se queixavam que lhe tinham levado as manadas, despejado as tulhas, derramado o vinho. As raparigas vinham espavoridas dos montados contando, entre soluços, o que lhes chegara; os pequenotes, cheios de medo, gaguejavam o que lhes succedera.

Bandos enormes de gigantes ruivos apoderavam-se dos gados, escorraçavam os pastores, apontavam as armas aos que se revoltavam, tocavam as manadas e levavam-nas na sua frente, cantando cousas barbaras n'uma lingua guttural.

Por vezes, n'uma clareira, viam-nos arregaçados, as mãos sujas de sangue, despedaçando as entranhas dos bois mortos, fazendo covas onde enterravam restos, enquanto outros levavam os gados para as aldeias visinhas e voltavam pela noite, sentando-se em torno das brazeiras, a devorar a carne assada com sal, nos brazidos. Tilintavam as boas moedas hespanholas! Dobrões d'ouro scintillavam e atochando os dentes n'essas postas rubras de boa carne, na mesma linguagem áspera faziam as partilhas e cantavam, enquanto esvasiavam os picheis.

Aldeias inteiras armavam-se como se fossem quadrilhas aquelles gigantes vermelhos e loiros, como demonios a sarabandarem em torno das fogueiras de urze.

Eram os nossos alliados inglezes.

A's queixas succediam-se as rixas; ao clamor o odio e Wellesley, o futuro vencedor de Napoleão, o general em

chefe d'esse exercito, escrevia de Coimbra depois de bater Soult:

«Meu caro Villiers:»

«Ha muito tempo pensava que um exercito inglez não poderia supportar nem as victorias, nem as derrotas e a conducta recente dos soldados d'esse exercito fornece-me as provas manifestas da verdade d'esta opinião, enquanto á victoria. Teem pilhado o paiz da maneira mais terrivel, o que me causou a maior pena. Entre outras cousas, levam todos os bois sem outro motivo que não seja para os revender á população por elles despojada: é o seu costume. Ficavos-hia muito grato se quizesseis fazer conhecer este facto aos ministros da regencia, pedindo-lhes que prohibissem expressamente á população comprar seja o que fór aos soldados do exercito inglez.»

Assim fallava Wellesley com um julgamento sereno sobre os seus soldados de mercancia.

*

Esperava-se que tudo acabasse, destrocamentos e roubos, assaltos e pilhagens e que esses militares esgrouviados, amantes da boa carne, sedentos do bom vinho, entrassem a conter o seu instincto de mercadores e a sua gula eterna, ante os protestos do general.

Os francezes escorraçados pelo Douro além, batidos no Miserella, fazendo saltar pontes, lançando fogo aos cunhetes da polvora, despedaçando as carretas entravam batidos pela fronteira hespanhola. Soult chegava a mandar entrar as aguias das hastes onde se tinham arvorado estandartes; officiaes choravam durante essa retirada, diante dos portuguezes e inglezes unidos. Nas alturas dos montes, como uma singular apparição, surgia o Frade Branco com o seu habito e a sua guerrilha e elle era como um phantasma, galgando as leguas, atravessando penedias, saltando cerros, multiplicando-se para cortar os caminhos e chacinar os feridos e os soldados estropiados do inimigo.

Ney, ao vêr Soult derrotado, os restos das phalanges em misero estado, indignou-se ante essa primeira derrota que as tropas de Wellesley inflingiam aos francezes porque as batalhas de Rolica e do Vimeiro, todas as vantagens, tinham sido para as armas imperiaes.

Regressaram novamente ás aldeias os vencedores; encheram d'acampamentos as varzeas, dançava-se nos adros bebiam-se alentos nos labios das mulheres, trocavam-se promessas nas tardes ardentes d'esse maio que declinava.

Retemperava-se n'um banho de bravura o sentimento nacional.

E, enquanto se dançava, se amava, se ria, passavam ao longe, nas estradas brancas, turbilhões de poeira, ouviam-se mugidos, adivinhavam-se as manadas correndo, ferindo lume nas pedras, entre escoltas d'inglezes que riam e soltavam os seus brados gutturaes.

A's noites, abalavam-se as aldeias com gritos, as portas abriam-se e elles entravam de roldão nas adegas e celleiros.

Tornava-se a ir ao quartel-general fazer queixas, quando não era o tiroteio das escopetas que falava no escuro.

Wellesley desolava-se, continuava a escrever para Londres:

«Ao visconde de Castlereagh, secretario d'Estado

Coimbra, 31 de maio de 1809

Meu caro lord:

O exercito porta-se horivelmente. E'

uma canalha que não supporta melhor as victorias do que o exercito de sir John Moore supportava os revezes. Esforço-me para o dominar mas se não o conseguir é preciso que me queixe officialmente e que reenvie de castigo um ou dois corpos para Inglaterra. Elles roubam por toda a parte.»

Não havia maneira de os conter. Um instincto movia aquelles soldados e o seu chefe tornava a dizer, apoz o Santo Antonio, ao secretario d'Estado:

«Não posso deixar de chamar de novo a sua attenção para o estado d'indisciplina do exercito o que é para mim motivo da mais viva preocupação e merece as attensões dos ministros de Sua Magestade.»

«E' impossivel descrever todas as desordens e violencias que commettem. Não estão longe dos seus officiaes, devo mesmo dizer dos chefes dos corpos, e dos officiaes generaes, mas é mesmo á sua vista que praticam estes excessos.»

Não ha um ultrage que não tenham commettido para com uma população que recebeu manifestamente como amigos os nossos soldados que até agora não soffreram a menor privação.»

Eram dois exercitos de bravos, mas de temperamentos diversos, como as suas raças. Ao passo que uns ao fim das batalhas dançavam nos adros, os outros pareciam continuar a guerra correndo com as manadas, entre nuvens de poeira pelos campos, esgarçando os ventres aos bois no meio dos bosques, assando postas de carne nas brazas, bebendo o vinho e cantando n'um clamor de demonios, enquanto não iam roubar os beijos com os labios ensanguentados ás boccas rubras como morangos das aldeãs...

Mas n'esse dia Wellesley ouviu o tiroteio entre companheiros da mesma guerra e a *Gazeta de Lisboa*, n'um terror, recommendava calma.

ROCHA MARTINS.

COISAS DE NADA

POR

ANTONIO CARNEIRO

Monopolios

O monopolio, é provado,
Que é sempre mal permitido,
Porque dá em resultado
Que o povo seja lesado
Em vez de ser bem servido.

Consta que uma sociedade
Que fundou o monopolio
Das Obras de Caridade,
Monopolisa a Bondade,
Como se faz co'o petroleo.

Contando co'as protecções
Dos altos poderes do Estado,
Faz hostis opposições,
A quantas boas acções
Não sejam do seu agrado.

Até do proprio hospital,
A mesma porta nos fecha.
E em terras de Portugal,
Só cuida d'alheio mal
Quem ella muito bem deixa.

E havia conveniencia,
E utilidade marcada,
Na lucta de concorrência
Que ás senhoras d'Assistencia
Fariam as da Cruzada.

Seríamos disputados
Ao entrar nos hospitaes.
E ellas, tratando os soldados,
Redobravam de cuidados,
A vêr quem podia mais.

Se uma espremia um leicengo
Com a renda perfumada
Do seu pequenino lenço;
Logo outra fazia um penso
De tarlatana doirada;

Se mandassem, os doutores,
Adormecer os doentes,
—Co'o fim de poupar-lhe dôres,—
Iam os seus oradores
E alguns dos nossos conferentes.

Por mais termos que se empreguem,
Nem mesmo assim se calcula,
—Embora provas se alleguem—,
As coisas que se conseguem,
Se a concorrência estimula.

E um paiz, onde raro
Se logra um phosph'ro accender;
Que fuma pessimo e caro,
É que vive a maldizer
Os carros de Santo Amaro;

Que, com razão, em verdade,
Co'os monopolios se assusta;
Senhoras, como não ha-de
Sentir apprehensão justa,
Co'o trust da Caridade?!

O traço de união

Bem antes que a nossa terra
Participasse na guerra
Dos horrores do cataclysmo,
Affonso e Antonio Zé
Não se fallavam até,
Separava-os um abysmo.

Em tão grave occasião,
Fez-se o traço d'união
Que os junta no sacrificio;
E parece, o mesmo traço,
Ponte lançada no espaço
Sobre o negro precipicio.

Cada um de sua borda,
Quando co'o outro discorda,
Rugindo n'um ameaço
Grita logo p'ra defronte:
—Olhe que eu tiro-lhe o traço,
E era uma vez uma ponte!...

O traço, evidentemente,
Funciona intermittente
Como coisa movediça...
E' um traço d'união
Co'a vantagem e o senão
D'uma ponte levadiça.

ANTONIO CARNEIRO

Vida agricola

POR

D. LUIZ DE CASTRO

No proximo numero da *Ideia Nacional* inauguramos, com um artigo brilhante do nosso eminente collaborador Conselheiro D. Luiz de Castro, a nossa secção destinada a defender e auxiliar os interesses da Agricultura nacional.

N'esta secção, além da collaboração permanente do notavel estadista e professor, encontrarão os nossos leitores dois consultorios, um de veterinaria e outro de agronomia, a que poderão submeter todas as questões da sua competencia profissional e onde encontrarão todos os esclarecimentos que pedirem relativamente a esses assumptos.

A melhor garantia de que os nossos consultorios corresponderão plenamente á espectativa dos lavradores, assignantes da *Ideia Nacional*, está no facto de termos ao alto criterio do Senhor Conselheiro D. Luiz de Castro, a indicação das pessoas a quem os confiamos e cujos nomes tornaremos publicos dentro de poucos dias.

Revista da imprensa

A SOLUÇÃO DA CRISE

A Capital de 14 do corrente rejubila-se com a solução amigável que teve a crise ministerial; faz, d'uma maneira vaga, a historia sentimental d'essa crise, as luctas e esforços movidos pelos chefes dos partidos colligados, o espirito de abnegação que manifestaram e termina por dizer «—que assim se nobilitam perante o paiz e perante o estrangeiro, no momento que passa e na historia que é eterna, os bons cidadãos, os verdadeiros republicanos e os authenticos patriotas.»

Se o sr. Antonio José d'Almeida precisava de nobilitar-se, foi bem infeliz na forma por que o fez. Antes fosse céguinho e tivesse ido pro Brazil, como Antonio Nobre dizia na sua arte elegiaca; antes matasse um homem ou vivesse á custa d'uma coitada... Porque bem peor do que todos estes peccados da má-ventura, é ter o topete de afirmar que os realistas exilados não deram provas do seu patriotismo ou do seu allidophilismo, conhecendo a carta em que Azevedo Continho offerece a sua espada ao governo republicano e aquella em que Victor de Sepulveda pede que lhe abram as portas da Patria para servila ou que, pelo menos, o auctorisem a alistar-se n'um exercito alliado...

Diga antes a Capital que o sr. Antonio José d'Almeida fez agora mais um esforço para desnobilitar-se; se ainda o não conseguiu, é porque a sua fama de honradez tem, na rethorica nacional, a força immensa d'um logar-commum...

Para afirmar que o governo se nobilitou perante o paiz e perante o estrangeiro, não é necessario uma grande boa-vontade: basta abstrahir dos milhares de portuguezes que constituem o povo monarchico, e dos sete ou oito paizes que formam a Europa civilisada; porquanto, quem conhece a vida e habitos d'esses paizes sabe que nenhum d'elles comprehende ainda como é que, em estado de guerra e por causa d'uma amnistia a condemnados politicos, se abre uma crise no seio d'um governo nacional.

PSYCHOLOGIA FEMININA

O mesmo jornal, na Poira da Arcada, contem estes scismaticos dizeres que podem asobiar-se n'aquelle estylo do Rigoletto: la dona é mobile...

As mulheres, segundo alguns romancistas tem uma psicologia complicada, tão difficil de entender-se que é necessario surprehender-nos nos lances em que a sua alma se liberta de preocupações vulgares e de caprichos meudinhos, desnudando-se como a verdade, no meio dos sophismas.

Fôra d'esses lances, a bizairice mórbida das donas tem o poder de não sómente as illudir a si proprias mas de illudir os outros sobre a significação, o valor e o fim das coisas que nos cercam. No seu livro Féminités, Prévest nota que, usados pela mulher, nem o chapéu serve para cobrir a cabeça, nem a sombrinha para a resguardar do sol, nem as cartas para transmittirem o seu pensamento.

A CONFERENCIA ECONOMICA DOS ALLIADOS

Vae realizar-se brevemente em Paris uma conferencia inter-parlamentar economica dos alliados. Cedo nos referiremos, por intermedio dos nossos mais illustres collaboradores a este acontecimento de excepcional importancia para a nossa vida nacional. Entretanto, aprez-nos transcrever de um jornal da noite as justas considerações que seguem:

Alguns assumptos ha que os delegados á conferencia inter-parlamentar certamente não-de estudar com especial attenção, visto ser realmente esta a melhor oportunidade de se regularisarem anomalias varias que tem medrado á sombra da inercia de uns, da incompetencia de outros, e da inconsciencia da maior parte. Já hontem, a proposito do mesmo assumpto, lembramos a conveniencia de se valorisarem as nossas estancias thermaes, em que poucas regiões são tão ricas como a nossa. Outros problemas ha, porém, que urge solucionar, aproveitando-se a esplendida occasião que actualmente se nos offerece.

De magna importancia é, por exemplo, a questão do nosso cacau de S. Thomé destinado á industria franceza. Sabe-se que, por uma particular disposição pautal, a França beneficia com uma diminuição na taxa dos

Sexta Feira de Paixão

(INÉDITO)

Trevas, arrancos de agonia, a morte
Gela o ar, paralisa a vida, apaga
As estrellas aos ais, sem que as conforte
A ancia de viver na noite aziaga.

Passam almas transidas, negra coôrte
Que pelo Oceano, em supplicas, naufraga...
Soluça de onda em onda o vento norte
E a dôr universal de vaga em vaga!

Dos lenhos pendem corpos macilentos
Mulheres desgrenhadas, aos lamentos
D'uma angustia que punge e que consterna...

Por entre a rama negra dos pinheiros,
Enxergam-se, a pulsar, entre nevoeiros,
Os lugubres clarões da vida eterna!

(Do livro postumo LYRA D'OUTOMNO).

direitos todos os productos colonias originaes de Africa transportados em navios de qualquer nacionalidade que, ao chegarem á Europa, toquem n'um porto francez antes de qualquer outro. Essa medida, que muito tem contribuido para manter o enorme movimento do porto de Marselha, é prejudicial á nossa exportação de cacau, que constitue como se sabe o producto colonial mais rico de todas as nossas possessões de além-mar.

De facto, em virtude do differencial de bandeira, o cacau portuguez é transportado na sua quasi totalidade para a Europa em navios nacionaes, cujas carreiras terminam em Lisboa. Havia é certo o expediente de baldear a carga na Madeira para qualquer vapor que d'ali seguisse directamente para um porto francez, e isto pela simples razão de que, para effeitos aduaneiros, a França considera ainda o Funchal como um porto africano. Em todo o caso, não nos parece impossivel conseguir-se que esse paiz nosso alliado adopte uma outra maneira de ver ácerca d'este caso especial, considerando como tendo direito ao alludido beneficio da pauta os nossos productos colonias que de Lisboa seguissem directamente para um porto francez.

Um outro assumpto a ventilar seria o antigo accordo feito entre as diversas companhias de navegação cujos navios tocam em Lisboa e em virtude do qual as mercadorias embarcadas no nosso porto com destino aos portos americanos pagavam precisamente como se tivessem sido carregadas em Bordeaux, Liverpool ou Hamburgo conforme a procedencia dos navios. Era sobretudo ás companhias allemãs que tal accordo aproveitava, e essa razão bastaria, se outras porventura não houvesse, para que a situação se modifique logo que a guerra termine.

De resto, os navios allemãs tinham estabelecido desde longa data uma pratica que não deixava de prejudicar bastante a navegação dos outros paizes cujos navios fazem escala por Lisboa. Consistia em trazerem systematicamente algum espaço disponivel nos porões, para o qual os respectivos agentes acceitariam aqui toda a especie de carga por uma tabella minima. E' claro que, se attendermos á frequencia com que outrora nos visitavam paquetes allemãs, a somma de todos os carregamentos embarcados em taes condições ascendia no fim do anno a muitos milhares de toneladas.

Estes e outros assumptos de momentoso interesse devem, na verdade, merecer o estudo dos nossos representantes na conferencia de Paris. Mas exactamente porque elles revestem um alto e nobre aspecto de defeza nacional, deve o governo attender escriptulosamente á constituição da missão que no representante. E' possivel que dentro do parlamento republicano, pantano da incompetencia e do anonymato, se não encontrem

os homens necessarios e bastantes para assumirem esse encargo. N'esse caso torna-se absolutamente necessario que o governo, com poderes ou sem elles, vá procurar, entre os technicos e os interessados, as pessoas que devem amanhã jogar com a riqueza da Nação.

Por nossa parte entendemos que os monarchicos, podendo eximir-se a qualquer collaboração d'ordem politica com o governo da republica, assumiriam uma responsabilidade gravissima perante os vindouros se deixassem á incompetencia suspeita dos Alexandre Braga, Macieira e outros, a defeza dos interesses economicos da Patria contra a cubia dos estrangeiros, de todos os estrangeiros.

A EXPOSIÇÃO
DE
ARTE MODERNA
PROMOVIDA PELA
IDEIA NACIONAL
SERÁ INAUGURADA
EM MAIO PROXIMO

O incendio no Arsenal

Já não temos tempo nem espaço para tratar do incendio do Arsenal. Como, porem, desejamos satisfazer a curiosidade dos leitores ali ficam estas opiniões interessantes:

O sr. ministro da guerra tem esta opinião a respeito do incendio no Arsenal:

—Mas que hei de eu dizer-lhe? Para mim não resta a menor duvida de que se trata d'um gesto criminoso... E de onde partiu? Affigura-se-me tambem não ser difficil adivinhar a mão que o possa ter determinado... Os nossos inimigos, meu caro senhor, não dormem... Nós é que precisamos, por uma vez, despertar e convencer-nos de que estamos em guerra com a Alemanha!...

O sr. ministro da marinha sobre o mesmo assumpto, opina assim:

—E' uma obra perversa, analogia por certo, nas suas origens e consequencias, á do Deposito Central de Fardamentos! Quem executou mais este plano maquiavelico? Eis o que difficilmente, talvez, se venha a saber! Mas não nos é licito duvidar de que o traço da obra denuncia o espirito que o gisou!

O sr. Leotte do Rego, perguntado sobre as causas provaveis do sinistro, respondeu:

—E' vilissimo o mobil que terá tido este facto horroroso. Não descansam na sua tarefa de scelerados... Depois do Deposito Central de Fardamentos, o Arsenal da Marinha...

Factos e Criticas

PARA O GOVERNO LER

VAE para ahi de novo nas gazetas da demagogia, uma campanha desenfreada contra a benemerita Companhia de Jesus que tantos e tão grandes beneficios prestou sempre, no curso da nossa historia, á sociedade portugueza.

Os sapateiros das lettras que pontificam n'O Mundo, n'esta hora de união sagrada, não cessam de injuriar, de aggravar por todas as formas e feitiços as classes conservadoras, este bom povo catholico de Portugal, que não pôe condições ao seu concurso para a defeza dos interesses da Patria perante o inimigo commum, mas que não pôde consentir, sem cólera, que os desclassificados escrevinhadores d'um dos órgãos do governo cusпам insolencias sobre as individualidades ou as collectividades que representam a causa da Ordem e da Tradição nacionaes.

Fieis ao que consideramos o nosso dever patriotico que não podia estar, nem está, em contradição com o nosso dever partidario, fieis, como sempre desde que temos voz na imprensa monarchica, ás ordens terminantes d'El-Rei que inspira a mais nobre e o mais puro patriotismo, não seremos nós quem lisonjeie ou excite a indignação justificadissima do povo.

Mas o que se está a fazer é uma traição. Não é na hora em que nós vamos talvez verter todos, lado a lado, o republicano e o monarchico, o livre-pensador e o catholico, o proletario e o millionario, o nosso sangue de portuguezes, no campo de batalha, que se injuria, se calumnia e se vexa impune-mente nos órgãos d'esse governo que aconselha e pede a união nacional para resistir ao perigo exterior e o conjurar, a grande maioria da Nação Portuguesa. Isto não se faz. Isto não é sério. Isto chama-se uma traição.

Se ha jornalistas que não sabem comprehender os deveres da hora presente e desconhecem as responsabilidades que sobre os seus hombros impendem, para que serve o governo, para que serve a censura senão para cohibir esses abusos e impedir essas loucuras? Não pedimos, nem desejamos, antes repellimos, medidas de favor. Reclamamos justiça e equidade, a mesma lei para todos, a todos applicada com decisão e energia. Se os primeiros a faltar ao pacto da união nacional são os jornalistas do governo e se este não tem meio de os levar pela persuação ao cumprimento dos deveres que a todos incumbem, deveres que consistem em não aggravar nem offender os contrarios, nas suas opiniões, nas suas crenças, nos seus sentimentos mais profundos e mais sagrados, intervenha o governo, intervenha a censura, intervenha todo o organismo da ordem para pôr termo a este escandaloso abuso e evitar as desastrosas consequencias que d'elle pôdem resultar.

Nós não provocamos ninguém. A orientação d'A Ideia Nacional enquanto subsistir o estado de guerra ficou definitivamente esclarecida no nosso artigo de 6 do corrente. Percorra o governo as nossas quarenta columnas de texto, as nossas gravuras e não encontrará uma palavra nem um traço que desmintam ou contradigam as nossas palavras. Não provocamos ninguém. Mas não abusem da nossa lealdade, da nossa cordura, da sinceridade com que cumprimos o nosso dever patriotico. A nossa attitud não representa fraqueza mas antes a consciencia plena d'uma força immensa, hoje maior do que nunca.

Se se trata d'uma comedia ou d'uma traição não seremos comparsas nem cúmplices. Ponha o governo cada um no seu lugar, dê-nos provas da sua isenção, da sua imparcialidade, do seu desejo de manter através de tudo a ordem nos espiritos evitando o desencadear das paixões e o enfraquecimento colectivo que provocaria uma nova explosão de odios mal contidos.

Assim o exige o interesse da Patria. Assim o reclamamos em nome d'esse interesse que temos a consciencia de bem servir escrevendo as palavras que ahi ficam.

H. C. F.

"A IDEIA NACIONAL"
OS SEUS ESCRITORIOS EM PARIS

Todos os assumptos relativos a publicidade estrangeira da Ideia Nacional devem ser tratados com a nossa agencia commercial em Paris L'Information Universelle—101—Rue Saint Lazare.

Os nossos escriptorios, salão de leitura onde se encontram todos os jornaes portuguezes e estrangeiros, gabinete de informações, etc., estão á disposição dos leitores d'A Ideia Nacional na Rua Vivienne, 47—Paris.

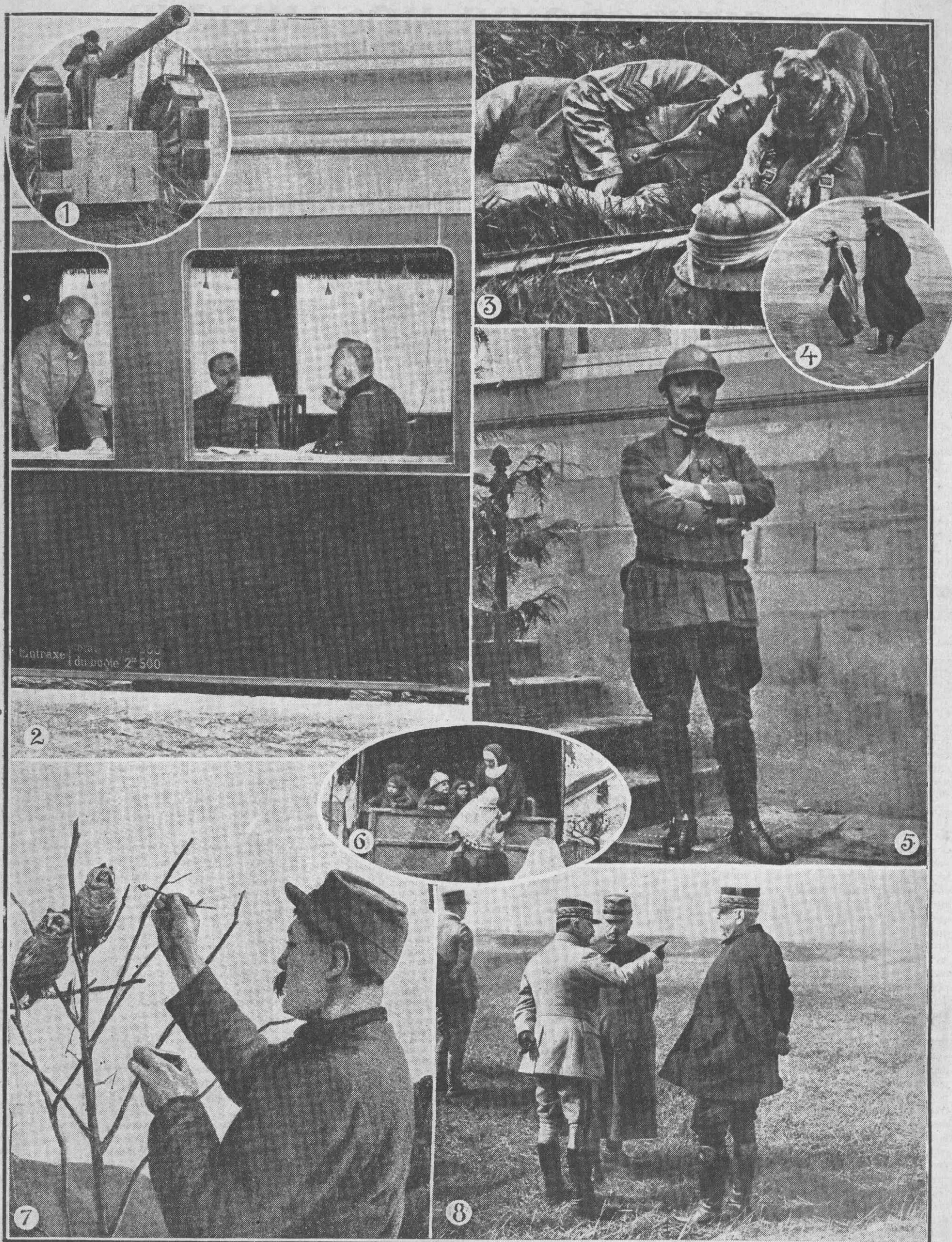
Telegrammas 'Iman'

Lima Netto, Moura & Comp.^a

CAMBIO PAPEIS DE CREDITO

Rua dos Retrozeiros, 100 a 106
esquina da Rua dos Sapateiros, 1 e 3

Telephone 3844



EPISODIOS DA GUERRA EUROPEIA.—1, Artilharia pesada franceza com patins nas rodas, para mais facil deslocamento.—2, O generalissimo Joffre, o major-general de Castelnaud, e o chefe do estado maior Pellé, a caminho de Verdun.—3, Um sargento ingles dormindo guardado pelo seu *Bull-dog*.—4, A Rainha dos Belgas a caminho dos hospitaes de sangue.—5, O heroico coronel Driant, a grande figura da França conservadora, que morreu como um bravo na defeza de Verdun.—6, Irmã de Caridade cuidando dos orpnãos alsacianos e allemães.—7, Um *poilu* entretendo-se a domesticar corajas.—8, Os generaes Franchet d'Esperey, Cadorna e o generalissimo Joffre.

A SITUAÇÃO DE MOÇAMBIQUE

POR

LOURENÇO CAYOLLA

É muito difícil nas circunstâncias actuaes, achando-se Portugal em declarada belligerancia e envolvido na luta tremenda que está ensopando de sangue a maior parte da Europa, discutir qualquer assumpto de interesse nacional, sem se correr o risco de se fazerem considerações prejudiciaes ou inoportunas para os mais altos interesses da Patria. Essa difficuldade torna-se ainda maior tratando-se de questões coloniaes, visto que os nossos dominios ultramarinos são, desde muito tempo o pretexto e o thema quasi exclusivo de todas as nossas negociações diplomaticas. Tanto isto é assim que, antes de existir o ministerio das colonias, Emygdio Navarro, com a sua presciencia de verdadeiro homem de estado, sustentava que os negocios relativos ás colonias deviam ser tratados no ministerio dos estrangeiros, pela intima correlação que entre nós esses negócios teem com os assumptos de natureza internacional.

N'este momento, pois, apreciações na apparencia vulgares podem ser da maior inconveniencia e a revelação de factos que se julgue necessario expor para ensinamento do futuro servir de pretexto para lesões dos nossos direitos. Um severo patriotismo impõe-nos por isso o dever da maior discreção e reserva, e a abstenção por agora de todas as censuras ou ataques, que possam parecer inspiradas em qualquer sentimento partidario.

Os melindres a que nos referimos não nos inibem, porém, de estudar a situação da nossa valiosissima colonia de Moçambique, procurando apreciar os factores que mais podem concorrer para o desenvolvimento e valorisação das suas riquezas e bem assim as causas determinantes do seu estado economico e politico actual. Durante largos annos essa provincia foi-se modificando mercê exclusivamente das forças internas que n'ella actuavam, sem receber qualquer impulso benefico da metropole. Foi preciso que nos surpreendesse o abalo doloroso do ultimatum inglez para que reconhecessemos a necessidade inadiavel de consagrar a maior somma de energias a favor do desenvolvimento d'um territorio tão vasto pela sua area, como rico e remunerador de todos os sacrificios, visto as inexgotaveis riquezas em que se pode desentranhar o seu solo e as que estão escondidas no seu sub-solo. O problema de Moçambique, d'uma variada complexidade, surgiu então nitidamente aos olhos de todos os que comprehendem que o progresso e o futuro de Portugal estão ligados por uma forma indissolúvel aos das dilatadas regiões que ainda hoje constituem o seu grande império ultramarino.

O nosso paiz teve, porém, a boa sorte de encontrar cooperadores sem igual para a obra que urgia realizar. No campo administrativo e nas reformas a introduzir para se conseguir um rapido desenvolvimento de riqueza, sobretudo no districto de Lourenço Marques, os commissariados regios de Antonio Ennes e de Mousinho d'Albuquerque marcaram uma epocha de ouro que não mais poderá ser esquecida. Simultaneamente trabalhavamos por affirmar d'um modo decisivo o dominio da soberania nacional nos pontos onde ella era combatida ou contrariada por chefes indigenas de grande poderio como o de Gaza e na campanha que sustentámos contra o Gungunhana, que reputava invenciveis as suas mangas engrandecidas pela len-

da, surgiu na defeza da bandeira das quinas uma pleiade de authenticos heroes, que fez lembrar as figuras mais altas da nossa epopeia, dos seculos XV e XVI e em que occuparam logar primordial Mousinho d'Albuquerque, Rodrigues Galhardo, Paiva Couceiro, Freire d'Andrade, Ayres d'Ornellas, Eduardo Costa e tantos e tantos outros, uns já sepultados no mysterio da morte, outros quasi esquecidos para a gratidão nacional.

Já anteriormente outros feitos de heroicidade haviam ali sido praticados por portugueses não menos dignos d'este nome, taes como Serpa Pinto, Caldas Xavier e João d'Azevedo Coutinho, cujas acções ecoaram com tão justo ruido que elle foi proclamado, sendo ainda quasi uma creança, pelo parlamento do seu paiz, e por proposta d'um inimigo do regimen que então existia, como benemerito da Patria.

Debellados os elementos hostis e demonstrado gloriosamente que queriamos e podiamos fazer respeitar a auctoridade da mãe Patria em todos os territorios que se desdobram desde o Rovuma ao Save, cessou a necessidade de novos esforços militares. Seguiu-se uma epocha de paz e desde logo os trabalhos realizados pelos dois eminentes colonias, d'altissimas qualidades de administradores, que haviam dirigido a provincia com poderes quasi discretionarios e seguido, uma mesma e sabia politica, se desentranharam em resultados e fructos que surprehenderam os mais optimistas.

A cidade de Lourenço Marques transformou-se como por encanto. O movimento das suas relações commerciaes com o Transvaal, a cujo centro está ligada por uma linha ferrea muito mais curta do que todas as outras que vão d'aquelle paiz até ao mar, cresceu em largas proporções. A provincia afluíram grande numero de individuos aventureiros e empreheendedores, animados da esperança de enriquecerem rapidamente. Desenvolveu-se a febre das construcções. Os terrenos, sobretudo os de Lourenço Marques, adquiriram preços fabulosos.

O commercio interno expandiu-se em termos que excediam todas as previsões. Em toda a região accentuou-se uma intensa transformação de progresso e de trabalho. O regimen dos prazos da Zambezia foi alterado em condições mais solidas, devido ao estudo profundissimo de Oliveira Martins e aqui e ali começaram a constituir-se os primeiros nucleos da industria do assucar que representa hoje uma enorme riqueza e era necessario organizar como meio eficaz de se combater o fabrico do alcool, que produzia os mais desastrosos efeitos na população indigena.

Um outro facto se começou também então a desenhar e que, em pouco tempo, deveria concorrer poderosamente para se alterarem as condições economicas da provincia. As minas de ouro do Rand cresciam de importancia de dia para dia. Os trabalhadores da região eram insufficientes para as necessidades da sua progressiva exploração. Agentes das empresas mineiras espalhavam-se por todas as regiões proximas pedindo trabalhadores, que os indigenas do Transvaal não podiam fornecer na quantidade desejada e até mesmo indispensavel. Foi sobretudo nos districtos de Gaza e Lourenço Marques que as suas ofertas tiveram um melhor acolhimento. A pouco e pouco começou a estabelecer-se um verdadeiro exodo dos

homens mais validos do nosso sertão para os campos de Johannesburg. Esses trabalhadores, porém, não se resignavam a uma permanencia demorada nos locais do novo emprego da sua actividade. Como os ceifeiros que todos os annos a Hespanha nos envia para terminarmos a faina do anno agricola e que depois regressam ás suas terras, os indigenas de Moçambique mal reuniam algumas libras ou shellings voltavam para a região onde tinham deixado as suas mulheres e as cubatas em que haviam nascido. Eram novas energias, já mais educadas e experimentadas, e sobretudo uma fonte ininterrupta de ouro, que vinham robustecer as condições economicas da provincia. Esse movimento precisava, porém, ser disciplinado e intelligentemente orientado. Reconheceu Mousinho d'Albuquerque essa conveniencia e por isso elaborou um regulamento, que foi um novo testemunho do seu elevado criterio e das suas qualidades de governante, em que fixou as condições a que deviam satisfazer os engajadores e a forma de se realizarem os engajamentos, simplificando os contractos, modificando os passaportes e preceituando as obrigações dos indigenas junto do respectivo curador. Esse diploma fixava também os deveres d'este funcionario e creava um logar de fiscal dos emigrantes em Ressano Garcia. Já tem havido quem haja criticado o regulamento a que nos referimos notando que elle foi omisso não determinando a obrigatoriedade da repatriação dos indigenas. Não perfilhamos essas criticas porque na epocha em que o Commissario Régio legislou ainda, como já dissemos, os emigrantes da nossa provincia de Moçambique não tinham o habito de se fixar no Transvaal e tanto que ao começar a guerra da Africa do Sul mais de trinta mil d'esses emigrantes vieram de novo expontaneamente para as suas terras d'origem, sem mesmo haverem recebido os vencimentos que lhes estavam em divida.

Com o desenvolvimento operado especialmente em Lourenço Marques e o acrescimo do movimento commercial do seu porto, tornou-se indispensavel dotar proporcionalmente os serviços e realizar obras dispendiosissimas. Já então Durban, Port-Elisabeth e o Cabo começavam a mover-nos uma guerra inclemente procurando desviar para si a corrente de transacções que logicamente o Transvaal fazia connosco, por lhe ser muito mais favoravel a nossa situação geographica. Os seus portos eram dotados de todos os melhoramentos possiveis. O Natal, á custa de enormissimos dispendios conseguira modificar por completo as ingratas condições do porto de Durban. Com as do porto de Lourenço Marques havia a natureza sido da maior generosidade. No entretanto precisavamos ainda aperfeiçoal-as, para que n'esse porto nada viesse a faltar e a essa empresa nos consagramos resolutamente. Por sua vez o troço de caminho de ferro que liga a capital da nossa provincia de Moçambique com Johannesburg não podia também ser desprezado. Tendo essa linha de satisfazer a uma intensa exploração e em rivalidade com tantas outras que de diversos pontos da costa maritima da Africa do Sul afluem ao Transvaal era urgente habilital-a a poder disputar vantajosamente o trafego. Todas essas despesas obrigaram a um augmento consideravel nas despesas publicas e modificaram muito as condições financeiras da provincia. Para provarmos a verdade d'estas pa-

lavras bastará dizer que até 1900-1901 as receitas do districto de Lourenço Marques tinham-se sempre conservado um pouco abaixo de 2.000 contos, embora houvessem soffrido a partir de 1896-1897 um decrescimo sensivel. Em 1902-1903 subiam a 2.850 contos, sendo então as despesas na importancia de 2.267 contos. Quatro annos depois, isto em 1906-1907, as receitas conservavam-se, por assim dizer, estacionarias e as despesas quasi que dobravam, attingindo a quantia de 3.796 contos, manifestando-se assim um grave desequilibrio. A industria da região, industria ainda nascente e de fraca resistencia, as explorações agricolas, tantas vezes de exito precario e as explorações mineiras, que exigem o emprego de grandes capitales e são, por sua natureza, de resultados muito contingentes, não poderiam fornecer n'um periodo breve os recursos de que a administração central carecia para saldar esse deficit com tendencia para crescer cada vez mais. Os rendimentos do porto de Lourenço Marques e do caminho de ferro não deixariam de certo de augmentar, mas os recursos que d'essas fontes de riquezas se podessem colher seriam decerto absorvidos e excedidos, emquanto as obras a realizar e os melhoramentos a introduzir não estavam completos e a administração d'esses valiosos elementos de riqueza não se houvesse tornado modelar. Só um imposto poderia amortecer, pelo menos em grande parte, o desequilibrio a que se chegára. Era o imposto de palhota, de cobrança muito irregular visto a exiguidade de recursos dos indigenas. Elle desenvolver-se-hia á medida que se tornasse maior o numero de contribuintes com meios de o satisfazer. Os repatriados do Rand, tendo economisado uma parte das quantias que haviam ganho pelo seu trabalho nas minas, e vindo com disposição para collocarem essas economias nas terras em que de novo se estabeleciam, animando assim a economia e o commercio d'essas terras, passaram a ser considerados como elementos indispensaveis para se combater o desequilibrio financeiro, que ameaçava perturbar perigosamente a vida da provincia. Essa convicção entrou no espirito de todos, pôde-se assim dizer, que mais ou menos influíam no governo de Moçambique. E por isso, quando, passados poucos annos, o governo do Transvaal mostrou desejos de negociar um *modus vivendi*, de que resultaria um acrescimo enorme na emigração e ao mesmo tempo nos defenderia da guerra que nos estavam movendo as companhias de caminhos de ferro de toda a Africa do Sul, para nos expoliarrem do nosso commercio com aquella colonia ingleza, pelo regresso das tarifas ao que ellas eram antes da guerra que devastára aquellas ricas regiões, prestámo-nos com verdadeiro regosijo a essas negociações e chegámos rapidamente ao *modus vivendi* de 18 de dezembro de 1901.

Precisavamos fazer este rapido resumo para podermos formar uma ideia justa e segura da situação actual da provincia de Moçambique e dos elementos que maior preponderancia teem na sua vida economica. Este artigo, porém, já vae longo e por isso o encerraremos aqui, devendo apreciar no que se seguir as consequências que resultaram da applicação d'esse diploma de caracter internacional, cuja assignatura pelo nosso representante foi então considerada por muitos como um assignalado triumpho.

LOURENÇO CAYOLLA

Na roda do tempo

POR

LUIZ DE ALMEIDA BRAGA

COSTUMAVAM os Antigos figurar o tempo posto sobre uma roda. Como no hieroglifo engenhoso da serpente mordendo a cauda, a vida fecha-se dentro d'um círculo constantemente repetido. Com o Amôr e a Fortuna, vae por elle o tempo n'uma veloz carreira, sem descanso e sem termo. Do eixo da roda, onde se erguem as tres figuras de illusão e sonho, alongam-se asas inquietas, batendo sempre. A vista é tarda para lhes seguir o vôo.

Rasteiro vôo é o d'essas asas que, ao passarem por nós tão prestes, levam, na poeira que levantam, o que queriamos fechar connosco.

Cada dia é mais ligeiro que o que passou atraz, deixa uma pena maior como lembrança, abrevia o que era gostoso alargar. Por isso os Antigos, receosos do tempo, o ergueram a divindade. Tinham sabôr de maldições as rezas em que o celebravam.

Mas quem de bom aviso tomar o que lhe é dado, e não quizer maior bem que o bem que encerra cada hora de vida, para além de si eterniza os breves momentos terrenos.

A morte vigia ao pé da vida. Para illudir sua attenta vigilancia trabalhamos todos de differentes maneiras. Foi esse o segredo colhido na boca do Tempo, e depois, como elle emudecesse, ficou cada um cuidando de fazer confôrme o Tempo lh'o permitir.

Acontece que agora posso eu deixar gravado na roda ligeira o traço fundo dos instantes que vou vivendo. Cada traço apontado mede a duração d'um prazer ou d'uma pena, uma saudade nascente ou acordada de novo, emoções, ideias, regalos, dôres, fantasias, instantes de febre, momentos de paixão, a fieira da Vida desfiada...

Depois, como dizia aquella boa senhora dona Joanna da Gama, freira de tão agudos ditos, *o tempo é de tantas mentiras que nam ousa dizer algumas verdades; mas elle as vay mostrando, que he grande estragador de tudo, e descobre o encoberto.*

I—CHAVE DOURADA

POR MANUEL DA SILVA GAYO

Cumpriu-se o anno e dia da lettra santa das profecias. Na manhã de cerração a *Nau* regressou ao Reino. E o Velho do Restello, outra vez na praia, veio dizer a lutuosa historia das *Embarcações*.

Ouçam os portuguezes a voz clara do velho triste, escute-se o dialogo antigo da terra negra com a areia liza rebrilhando ao sol como grãos de trigo, a tentadora imagem do Longinquo erguida na rocha a semear enganoso...

—Corridas as Sete-partidas, o Infante tornou a seus Paços. Sobre a penha de Sagres, já posta no mar como um navio firme, encontrou seu outro irmão, em pé, duro, sêco, escancarados os olhos ardentes como duas brazas, estendendo o braço para onde cortinas de nevoa e lenda cerravam o mundo.

Vai-se trocar a boa capa por um mau capello. Apagam-se as lareiras. Callam-se os chocallhos das manadas por valle e monte. Cobrem-se de silvedos as

terras fartas. Enche-se o mar de velas: urcas, naus, galiões abrem aos ventos a Cruz de Christo, vermelha como sangue vivo.

O Reino vai embarcado. Leva a Gloria erguida á prôa, e a Desgraça a dirigir o leme.

Alcacer! Choram as violas na tarde quente a elegia da Raça. Desenreda-se na toada lugubre o fio do veu que cobria a vista da terra em frente do mar. E o Passado, como uma velha ama, vem ensinar os passos do Porvir...

Para tomar melhor, mais forte esforço, andando conta, em ternissima voz de brando amôr, as velhas historias dos velhos annais. Não é, por certo, no intento unico de lhes seguir o estreito exemplo; mais altos feitos quereria vêr cumpridos, ainda que ninguem adopte por certas as façanhas lembradas agora.

A fé incendeia os corações. Manhã de Ourique. Jesus crucifica-se no sol nascente. Espalha-se pela terra o calor da sua falla, e sobre o escudo branco, onde deixou cahir cinco gotas de sangue das cinco chagas, o povo ardido, no acampamento em festa, chama Affonso seu Rei, seu Pastor e Defensor.

Estava a terra livre de moiros. A côrte era côrte d'amôr. Vinham de França lêdos namorados trovar com o Rei. Mas no enrêdo macio de feitiçarias ternuras, o amoroso Fernando deixava minguar o reino. Recordar-se o voto de Santa Maria de Almacave: *Nos liberi sumus, manus nostra nos liberaverunt!*

E a Grei, n'um grito afflictivo que varou o ceu, de mãos juntas como pontas de lanças, aninha-se no coração do Mestre e repete: *Nós somos livres, o nosso Rei é livre.*

Terra de santos, obram os santos o milagre de Aljubarrota. A espada formidável de Nun'Alvares é sagrada agora como o Madeiro de Christo. Calvario da Raça, a Raça remiu-se em Aljubarrota.

Depois, atravez da Illusão que desvaira e cega, caiem as ancoras seguras no porto da Verdade. E' a era dos *Altos Infantes* enchendo o reino todo de saudade. E a saudade, como um novo sol n'um claro inverno, faz das fundas leiras renascer tudo o que dantes foi amôr, e fé, e alegria.

Ao divino esplendor da sua luz, vê-se o sulco perdido do arado, encontra-se no caminho o rasto das pégadas do lavrador primitivo. Linhas e passos marcam as lettras da mesma sina, dizem o termo do erro, — lidar no mundo inteiro não vale o grageio da terra...

N'estas baças palavras que contei, fica fechada a visão do Poeta. *Chave dourada* é o titulo do poema que Manoel da Silva Gaio lançou agora a lume; *Chave dourada* era o nome da linda nau em que a lenda sebastianista fazia tornar o rei sempre desejado, sempre encoberto e sempre esperado. E' o poema do momento, a voz da saudade e da esperança da raça dormente. E' um dos mais bellos livros de todos os tempos.

Escrepto por um poeta crescido sob o olhar attento de Deus, elle tem o poder de cobrir de claridade as paredes negras do carcere em que nos aferrolharam. A lingua forte dos Quinhentistas enche-se aqui de brandas transparencias, e cuidar-se ha ouvir a propria

alma do povo soluçar e cantar nas redondilhas d'estas decimas.

Manoel da Silva Gaio é o poeta mais intensamente dramatico entre todos os poetas portuguezes. Dentro das linhas dos seus versos solidos palpitam os sentimentos, as aspirações, os desejos da Raça; na sua voz melodiosa passam todas as harmonias e todas as dôres.

A Grei desceu das taboas de Nuno Gonçalves, e o Poeta, adeantando os braços e abrindo a alma, recebeu nella e nella moldou a imagem augusta da Patria.

Poeta até á fibra mais delicada e subtil, Manoel da Silva Gaio deixou neste livro uma obra-prima. Já antes outros livros tinham marcado o alto da montanha a que o seu espirito o erguera: *Os Torturados* são o primeiro romance do nosso tempo, o estudo sobre Moniz Barreto as mais acabadas paginas de critica da sua epocha.

Ao subjectivismo dos primeiros versos, succedeu um perfeito equilibrio das faculdades criadoras do Poeta, permitindo-lhe vêr e sentir cada alma atravez de todas as almas. Alargando-se-lhe depois a visão, a Terra não é já a feitiçeira occulta que o encanta e prende, é a mãe, a amante e a irmã.

E é então que a saudade espalha á roda de Manoel da Silva Gaio a ternura maguada do seu perfume, e lhe deixa entrevêr, na nevoa que ondula deante de seus olhos como um fumo místico de incenso, o sentido lusitanista das vidas portuguezas.

Todos os portuguezes devem lêr e meditar este novo poema. E com a mesma exaltação que me tomou, hão-de sentir a mesma veneração pelo Poeta ardente que, num momento de energias quebradas animou de esperança a alma triste de Portugal!

II—PALAVRAS DE ARTE POR ALFREDO PIMENTA

Alfredo Pimenta, nome que anda repetido por todos os portuguezes leais, que nelle veem um exemplo e uma promessa, compôz, para um serão da Liga Naval, um leve rosário de belleza e graça, de que me é agradável contar algumas contas.

O leitor habituado aos sérios estudos filosoficos e sociologicos de Alfredo Pimenta, sentir-se-ha surprehendido em frente d'estas aladas paginas de religiosa arte, e talvez lhe pareça que o Artista segue caminho diferente do caminho andado pelo Filosofo.

E com effeito, a Arte de Alfredo Pimenta não traz aos corações aquella tranquillidade que os espiritos fatigados de desordem buscam nos seus artigos.

Oscar Wilde parece ser o mestre deste outro dandy litterario, que sem se arrecear da opposição em que deixa as duas melhores partes de si mesmo, proclama tambem que a Arte não tem outro objectivo senão a Belleza, e lhe devem ser estranhos todos os elementos filosoficos, morais ou religiosos que preoccupam a alma moderna.

Assim se formou o principio absurdo que faz da Arte e da Moral duas coisas absolutamente distinctas, quando a Arte, incarnação da Belleza, não é senão o esplendor da Verdade.

A Belleza não é um fim; é o motivo de partida d'uma mais alta e transparente missão moral e social.

A doutrina da Arte pela Arte, por vazia de sentido, foi de todo abandonada. Como exprime um dos mais lucidos criticos d'esta hora de renovação, o conhecido Agathon, *les nouveaux venus sont convaincus qu'il existe une hiérarchie dans les œuvres d'art et que celles-là qui se contentent d'une beauté tout extérieure y occupent un rang subalterne.*

O verdadeiro sentido da Arte está em *rendre l'homme plus fortement homme, à le mettre sur la voie de lui-même et à lui indiquer la route où il rencontrera ses semblables.*

O bizarro amoralismo das *Palavras de Arte* não emparceira bem com a disciplina comtista, de que o sr. Alfredo Pimenta, melhor que ninguem, sente e reconhece a necessidade. De resto, como nota o agudo Fresnois, *nous n'avons plus le goût du vice.*

Porque nenhuma fé, nenhum amôr, nem sequer um grande odio queima as paginas claras de Anatole, as novas gerações francêsas lêem-nas sem enthusiasmo e sem gosto. E' só porque vive arredado da vida, que o mestre perfeito do *Jardim de Epicuro* não consegue já satisfazer as necessidades e as aspirações d'uma juventude activa e ardente.

A gente moça d'hoje toma como uma regra aquellas palavras de Bergson na *Evolution Créatrice*:—*«Attelés comme des bœufs de labour à une lourde tâche, nous sentons le jeu de nos muscles et de nos articulations, le poids de la charrie et la résistance de sol: agir et savoir agir, entrer en contact avec la réalité et même la vivre, mais dans la mesure seulement où elle intéresse l'œuvre qui s'accomplit et le sillon qui se creuse, voilà la fonction de l'intelligence humaine.»*

O esthetismo professado tão brillantemente por Alfredo Pimenta tem o risco de originar um gosto affectado e mórbido, que não temeria depois considerar unicamente verdadeiro só o que fôsse bello, n'um altivo desprezo pela realidade vulgar.

Seria ainda um engano cuidar com Nietzsche que só para lá do real se pôde attingir o sobrehumano. A Arte não é superior á Natureza. Se a Natureza fôsse tão imperfeita como Wilde ensina, a Arte não teria buscado sempre egual-l-a. Existe em todas as coisas um principio encantado de belleza, que ao Artista compete acordar.

Por certo que o *Naturismo*, como notava Taine, é a mais baixa e mais rudimentar manifestação da Arte. A função suprema do homem não é copiar: é criar, mas criar sobre os elementos que a Natureza fornece. Como um bruxo antigo, o Artista, misturando a sua alma com a alma das coisas, dá-lhes uma nova vida, e na transfiguração que se opera, é a sua imagem que se encontra reflectida.

Nas *Palavras de Arte*, escriptas em curvas macias de ondas rolando vestidas de espuma, a pompa musical das frâses abafa o murmúrio da Vida, e cada pagina é como uma sumptuosa tapeçaria, tecida pela Arte para cobrir ainda a Vida!

LUIZ DE ALMEIDA BRAGA.

PÁGINA DA MULHER

Croquis da semana



CHRONICA

EM CASA.—Não existe uma única mulher *raffinée* que conserve vestida, ao chegar a casa, a *toilette* que levou à rua, com a saia cheia de pó, e a blusa amachucada de andar todo o dia debaixo do casaco. Também se não encontra uma única mulher prática que o faça, pois é mettendo-as por casa que as saias se deformam e que apanham nodos, por pouco que uma senhora se ocupe dos mil afazeres que competem a uma dona de casa e por mais bem secundada que esteja. Mas seja por *coquetterie* seja por economia, torna-se necessário possuir no guarda-vestidos duas ou tres *toilettes* de interior mais ou menos elegantes, desde o *saut de lit* que se põe pela manhã, ou em dias de *migraine*, até ao *deshabillé* bastante elegante para se poder conservar até horas de jantar ou das visitas.

Algumas senhoras conservam-se fieis aos vestidos *drapés*, envolvendo o corpo e terminando em cauda, tão bonitos e que tão bem se enquadram no cenário de um *boudoir*. Mas outras seguindo a moda, fazem-os curtos como os vestidos de trazer na rua, e se o conjunto pôde parecer a muitas pessoas desleal forçoso se torna concordar que a *silhouette* fica assim muito mais juvenil.

Apresentamos aqui, da esquerda para a direita, alguns modelos de um grande chic, ao alcance de todas as bolsas, conforme o tecido que n'elles se empregar.

O primeiro compõe-se de uma especie de camisa de tulle branco, toda larga, ou ajustada na cintura por uma fita, um cordão de seda, ou ainda uma enfiada de contas. Sobre esta camisa veste-se uma túnica, mais ou menos comprida, em mousseline de seda bordada com flores *rococo*. Em volta uma bordasinha de pennas de marabú completa esta vestimenta em forma kimono.

O segundo vestido é de uma frescura adorável, em voile *Ninon* rosa-pallido, muito desmaiado. Umas tiras de alençon atravessam a saia; a mesma renda forma as mangas *à la juive* e a gola em que se enquadra muito bem o pescoço, e o oval do rosto.

O terceiro croquis representa uma liseuse em taffeta azul nattier, guarnecido de *bouillonnés* no mesmo tecido, arrematados por uma rendinha doirada; pôde vestir-se sobre qualquer vestido leve ou transparente, e assim facilmente se utilizarão as *toilettes* de *soirée*, ou elegantes vestidos de verão que, em tempo de guerra, poucas ocasiões haverá de os vestir.

O ultimo modelo é uma variante do classico kimono que se encontra em todas as casas em que se vendem *robes de chambre*.

A diferença consiste apenas em que este em vez de cruzar á frente como um *saut de lit*, fica aberto, e apertado com um cinto, deixando ver o vestido de baixo em crepe de China, ou em crepon guarnecido de fita *«praline»*.

O kimono é em crepe da China com desenhos *«praline»* e azul velho. Este genero de *toilettes* permitem o emprego de velhas sedas *brochées*, ou chamadas, muito decorativas, e extremamente bonitas no quadro de um *ameublement* antigo, ou apenas genero antigo.

CHINELAS E SANDALIAS.—Pôde realmente chamar-se a pantufra de Cendrillon a essa pequenina chinela bordada a prata e fita recoco, que se põe no quarto, acompanhando mais vezes o *saut de lit* de que o *deshabillé* elegante. Um requinte de coquetismo exige que o sapato seja a dizer com o vestido ou que pelo menos o lembre em qualquer detalhe. Alguns modelos que aqui damos, com as *jarretières* condizentes, guarnecidas de rendas, fitas e bordados, dar-vos-hão uma ideia do que seja o requinte que pôde existir na forma de calçar o pézinho de uma mulher elegante.

GRISÉLIDES.



CONSULTORIO DO AMOR

RESPONSA A LUCIA LIMA :—Minha Senhora :—O perfume da sua alma foi mais penetrante e sobrepujou o da *lucialima* n'uma indiscripção que a veio denunciar. O seu fino espirito, como a renda transparente do *loup* que tão mal lhe encobria o oval delicado do rosto, não conseguiu disfarçar a susceptibilidade esquisita d'essa alma de eleição. Como dois astros perdidos no infinito cujas trajetórias antecipadamente traçadas por Aquelle que tudo rege, forçosamente um dia se hão de cruzar, as nossas duas almas, já uma vez lh'o disse, era ine-

vitável que mais cedo ou mais tarde, se não viessem a encontrar face a face. Como vê não me enganei.

A confidencia que tantas vezes em vão provoqueei disfarçou-se para vir até mim, mas... *«Je te connais beau masque»*. Acaso era de esperar que a confundisse com mais alguém?

Mas n'este delicioso momento de conhecê-la, tão profundamente mulher como a havia sonhado, eu que cultivo as almas raras com a mesma paixão com que outros cultivam flôres, não calcula o sem numero de

embaraçosas dificuldades que encontro para responder-lhe justamente porque a reconheci...

O seu caso não me é estranho : já o vinha de ha muito presentindo. Não adopto porém para o designar o *sobriquet* de *drama intimo* empregado por si porque o acho muito menos dramatico do que você.

Temos sempre a impressão de que os nossos casos são unicos, e que mais ninguém sente como sentimos, nem passou pelo que passamos. Puro engano! A vida não faz senão repetir-se desde que a nossa mãe Eva

tentou o pae Adão, e que depois, por largos annos, se foram tentando um ao outro a travéz do Paraizo!

Mas vamos a concretisar a sua carta : Ama um rapaz bom, nobre, generoso, ao passo que elle ama uma sua amiga, sem que nem um nem outro suspeitem do seu amor. A sua amiga, creatura futil e desenvolta, considera-o um *flirt* como outros, e elle que vê n'ella a encarnação de todas as virtudes, julga-se profundamente amado. Perguntame :

«Deverei confiar-me a ella fazendo-lhe ver

quanto o seu passa-tempo me faz soffrer? Deverei revelar a elle a futilidade da minha amiga, e mostrar-lhe quanto pouco profundo é o sentimento que julga inspirar-lhe?»

Resposta ao primeiro ponto: Não se confie a ella. Os homens são maus, mas as mulheres, salvo honrosas excepções, são mil vezes peores, principalmente quando está em jogo outra mulher. Esta sua amiga pertence ao numero d'aquellas mulheres de que fala Balzac que, incapazes da mais pequena frequencia na vida, a atravessam como pulgas, aos saltos. Está aqui está a formar salto para outro ponto...

Deixe-a ir. O seu espirito feminino lhe flectirá o que tem a fazer depois.

Quanto ao segundo ponto deverei dizer-lhe que um namorado nunca acredita nada de mal a respeito do objecto do seu amor. Quando mesmo a evidencia se lhe mettesse pelos olhos, fecharia os olhos para a não ver. O desengano só d'ella lhe poderá vir. Ella lh'o dará, descance. Deixe as coisas seguirem o seu curso. Seja simples, boa, natural, revele-se tal qual é, e espere confiante na levandade d'ella para o desiludir, e na sua belleza para o consolar.

JOÃO SEMANA.

No ultimo numero da *Ideia Nacional* perguntamos ás nossas leitoras a sua opinião sobre a idade do amor: Qual a quadra da vida em que esse despotico avassalador das almas as tyrannisa com maior ardor, as subjugua com a maior crueldade?

Publicamos em seguida algumas das respostas recebidas, dando no numero seguinte as restantes e mais algumas que por ventura ainda nos sejam enviadas. N'esse mesmo numero responderemos ás consultas de Mimi e de Maria da Graça.

Sr. João Semana:—Se a violencia de um sentimento se mede pelas loucuras que esse sentimento nos leva a praticar, direi que é a velhice a idade do amor, pois ao ver um velho que casa com uma rapariga, ou uma velha com um rapaz penso que mais nenhuma idade pôde offerer em holocausto ao ente amado maior somma de loucura!—Augustus.

Tenho um irmão que passa a vida a fazer signaes com os dedos para uma visinha de frente. A mamã ralha, elle chora e eu vou consolá-lo. Dizia-me elle hontem, entre soluços: «E' que tu não calculas a violencia com que sente um homem da minha idade! Na tua já se não sente assim!...» Elle tem 14 annos, e eu vinte e dois! — Mimi.

CORRESPONDENCIAS E INFORMAÇÕES

Todos os assumptos que digam respeito a esta secção, ou que possam interessar as nossas leitoras, e sobre os quaes desejarem qualquer esclarecimento, serão por nós gostosamente attendidos, inserindo-se na «Correspondencia e informações» as respostas a quaesquer perguntas que nos sejam dirigidas.

Toda a correspondencia deverá ser endereçada a esta redacção, com a designação de «Secção feminina».

POLITICA INTERNACIONAL

O exemplo da França

A guerra europeia pôz em cheque os socialistas francezes e as suas doutrinas. Toda a gente conhece a campanha de Jaurès contra a lei dos tres annos e contra todas as medidas de defeza nacional que o ministerio Barthou, pouco antes de rebentar o conflicto, considerou urgentes e inadiaveis para fazer face á Alemanha cujas intenções aggressivas saltavam aos olhos dos mais cegos. Os conservadores de todos os partidos prestaram o mais vigoroso concurso ao ministerio Barthou; os radicaes e os socialistas combateram-no obstinadamente, não querendo ver o perigo imminente que corria a sua Patria.

A corrente internacionalista que pré-gava a fraternidade universal e aconselhava os proletarios a fusilarem os seus generaes quando fossem chamados ás fileiras, tinha fundas raizes nos meios

populares, não obstante as repetidas declarações dos socialistas allemães que sempre se tinham recusado a tomar semelhante attitudde relativamente ao seu paiz.

Mas os revolucionarios francezes não acreditavam na guerra: Jaurès e os seus amigos estavam sinceramente convencidos que tinhamos entrado, pelo menos na Europa, no periodo definitivo da paz universal. Em vão procuravam os elementos sensatos e ponderados do paiz abrir-lhes os olhos; os radicaes-socialistas não se rendiam a argumentos de nenhuma especie e uma parte da opinião publica, completamente fanatisada e mystificada, dava-lhes credito.

A guerra foi o argumento efficaz. De repente tudo mudou e os chefes do socialismo foram os primeiros a reconhecer que se tinham enganado. A união sagrada estabeleceu-se subitamente e todas as classes esqueceram os velhos resentimentos para se juntarem na fronteira; o millionario e o anarchista, o catholico e o livre-pensador, o monarchico e o radical deixaram em casa as suas paixões politicas no dia em que envergaram o uniforme de soldados do glorioso exercito francez.

Passados porém os primeiros mezes de crise, repellido o inimigo na batalha do Marne, fez-se a calma nos espiritos e com a calma veio a reflexão e as suas consequências fataes. Os prégadores da paz a todo o transe, os sophistas da luta de classes enconstram-se sós e tiveram que calar-se ou renegar as suas doutrinas e o seu pasado perante a realidade eloquente e esmagadora dos factos.

Como symptoma d'esta transformação dos espiritos nada mais curioso que a serie de artigos que vem publicando no seu orgão, que antes se chamava *Guerre Sociale* e hoje se chama *La Victoire*, o celebre anti-militarista francez Gustave Hervé.

Gustave Hervé foi o mais intransigente, o mais feroz defensor do internacionalismo e do anti-militarismo. O mundo inteiro conhece a sua campanha, que lhe valeu longos annos de prisão. Pois é este mesmo homem que hoje escreve os periodos que vão lêr-se:

«A crise do socialismo allemão é uma crise do socialismo internacional: em todos os paizes, na Italia, na Russia, na Inglaterra, na Belgica, na França, como na Alemanha e na Austria, os socialistas são levados pelos acontecimentos, mais fortes que todas as theorias, a optar entre o velho socialismo boche, baseado sobre a ideia abstracta da luta de classes, cuja fallencia é evidente, e uma concepção nova do socialismo, que chamarei socialismo nacional para indicar que deve sahir, em cada paiz, do solo, da historia, do temperamento de cada povo, trazer a marca do genio proprio de cada raça e trabalhar segundo as condições nacionaes.

«Santo Carlos Marx prégou a luta de classes. Ora vê-se hoje nitidamente que a razão, o progresso, a salvação estão na colaboração das classes dentro de cada nação. Se alguma vez a colaboração das classes, a união sagrada entre as classes e entre os homens é necessaria, é no dia seguinte ao d'este cataclysmo sem exemplo na historia da humanidade. Quantas ruínas a restaurar! Quantas misérias a combater! Quantas feridas a cicatrizar!

«E havíamos de recommençar, como loucos furiosos, a prégua a luta de classes, a guerra civil, a guerra social. Depois de, durante mezes e annos, termos combatido, ricos e pobres, nas mesmas trincheiras, supportado os mesmos soffrimentos, affrontado os mesmos perigos havíamos de ir impedir o levantamento do paiz fazendo uma politica que lançasse as classes umas contra as outras e restabelecesse entre ellas a barricada que a grande guerra abateu!

«Não! Obrigado! Essa politica não trouxe a menor vantagem á classe de desherdados de que o partido socialista é o defensor natural; essa politica só serviu para prejudicar a Nação, paralyando o seu desenvolvimento industrial, e a Republica, impedindo o seu desenvolvimento normal e regular.

«Amanhã applicar-nos-hemos, com os outros partidos, em desenvolver a nossa industria que tinha cahido no marasmo; em reconstruir completamente os nossos por-

tos e as nossas vias de comunicação cujo estado lamentavel fez rir, com razão, os engenheiros e commerciantes allemães; em descongestionar o organismo nacional por uma descentralisação que dará novamente ás diferentes regiões da França a autonomia administrativa sem a qual ellas continuarão a vegetar; de mão dada com os outros partidos lutaremos passo a passo contra o flagello da despolação e do néo-malthusianismo que é a origem da nossa decadencia nacional; faremos guerra de morte ao alcoolismo, outro flagello da raça, e não perderemos jámais de vista que o desenvolvimento capitalista da França é a condição sine qua non do melhoramento da sorte da nossa classe operaria e camponesa, reservando-nos, no esforço commum dos partidos, o papel glorioso de reclamar sem descanço mais bem estar, mais instrucção, mais justiça para os fracos e desherdados.

«Socialismo nacionalista! dirão desdenhosamente os socialistas de Zimmerwald.

«Não! Socialismo nacional sómente...»

Assim fala Gustave Hervé, o ex-propagandista da luta de classes, o ex-militarista façanhudo, o fundador da *Guerre Sociale*. Este artigo, publicado em 3 do corrente, e os que o precederam e seguiram, é o libello mais energico que se pôde escrever contra os desvarios revolucionarios que hoje fazem moda em Portugal e a mais eloquente consagração das ideias conservadoras.

Mas não é tudo. Isto é um exemplo entre mil, um exemplo colhido ao acaso, da transformação profunda que a guerra operou no espirito francez.

Respondendo no *Figaro* a uma catilinaria de Clémenceau, Joseph Reinach, o judeu Joseph Reinach cujo papel nefasto na politica franceza, antes e depois da questão Dreyfus, os leitores não desconhecem, não hesita em advogar com a maior energia, a proposito da visita do primeiro ministro inglez Asquith ao Papa, o restabelecimento immediato das relações diplomaticas da França com a Santa Sé. Para isso Reinach invoca, entre muitas razões, a opinião de Gambetta e desafia Clémenceau a chamar tambem clerical ao grande revolucionario francez.

Com effeito tambem sob o ponto de vista religioso, como sob o ponto de vista social, a atmospheria é hoje inteiramente differente do que era antes da guerra. Na hora do perigo a alma franceza, que sempre tinha conservado, durante as mais ferozes campanhas anticlericaes, um fundo de sentida religiosidade, voltou-se para Deus e as mãos ergueram-se implorando a clemencia e a misericordia do ceu. A estoica abnegação dos catholicos, o heroismo do clero conquistaram a admiração e a sympathia unanime do paiz. O governo procurou desde o primeiro dia, por todos os meios, não ferir as susceptibilidades dos crentes: as irmãs da caridade foram auctorizadas a regressar a França, como todas as congregações, os capellães foram restabelecidos no exercito e na marinha e não faltam indícios de uma orientação nova da politica franceza, no que diz respeito á attitudde da Republica para com a Santa Sé.

Assim, posso affirmar, porque m'o disse pessoa altamente collocada—supponham os leitores que foi, por exemplo, o proprio sr. Denys Cochin, ministro monarchico e catholico—que o sr. Asquith, presidente do conselho de ministros de Inglaterra, foi officialmente encarregado de transmittir em Roma ao Summo Pontifice os agradecimentos do governo da Republica pela sua intervenção junto da Turquia para melhorar a sorte dos prisioneiros francezes n'aquelle paiz.

Este facto, que á primeira vista pôde parecer sem importancia, tem todavia uma alta significação. E muito mais haveria que dizer sobre o assumpto, se esta carta não fôsse já demasiadamente longa. Mas esperemos que o demorado não será perdido.

Paris, Abril de 1916.

MUSICA

CARTAS

A UM

COMPOSITOR CELEBRE

POR

RUY COELHO

M

ESTRE! A historia d'esse genial pianista hespanhol já a sei, contada por um rapaz meu amigo, que este ultimo verão, n'uma praia d'aqui, foi companheiro inseparavel d'esse extraordinario artista.

Como sabe o rapaz tem 22 annos e é já hoje o primeiro pianista de toda a peninsula, senão um dos primeiros de todo o mundo. A maneira como conseguiu conquistar tamanha gloria, mostra que elle merece o respeito e a sympathia de todos os homens intelligentes.

Leia pois este pequeno artigo que ha dias publiquei n'um jornal d'aqui, e n'esse quadro terá a psychologia de tres pianistas; a do genial hespanhol, que tanto o interessa, a do meu amigo, que conta a historia, e é tambem um artista de pulso, e o commentario final d'um professor de piano do Conservatorio d'aqui, d'aquelles que não tocam nada, não sabem nada, mas que teem tudo a ganhar.

«Pódem crêr no que lhes digo, meus amigos. Elle é simplesmente assombroso! Ouvi-o tocar a sonata em si menor de Chopin, com uma firmeza de expressão unica! E assim elle é em tudo. Bach! Ah! em Bach, nas Fugas, que assombro! Que technica! Como devia ter trabalhado para conseguir tamanha independencia. Aquella entrada da grande introdução da «Fuga» em ré maior, é d'uma liberdade que só os genios comprehendem. E os Estudos Symphonics de Schuman!

Os senhores, com certeza, não fazem a menor ideia do que seja essa obra de Schumann, interpretada por esse colosso. Só lhes digo que sempre que elle chega á ultima variação, á altura do dialogo na mão direita, as lagrimas saltam-lhe dos olhos, e então parece-nos que o rapaz está doido, pois nós não sabemos se as lagrimas são de tristeza ou de alegria.

Olhem, foi a seguir a uma execução d'esta obra, que elle um dia me contou a sua vida. Tinha 18 annos quando a familia o pôz na rua, porque lá em casa o tinham por um malandrão preguiçoso que não fazia nada mais do que tocar piano. Viu-se de repente vadiando, comendo hoje n'uma taberna, os restos que lhe davam por esmola, e dormindo aonde calhava, nas avenidas, impossibilitado de estudar o seu instrumento, porque o não tinha. Assim passou mais d'um anno. Já não sabia tocar nada. Chegou a ser fadista! Agora era amante d'uma mulher d'essas. Ella alugou-lhe um piano. Trabalhava de dia e de noite. Ella sustentava-o. O rapaz não se cansava, estudava sempre.

A rapariga passava as horas em que elle estudava, deitada sobre os joelhos d'elle.

—Ai, a paciencia d'ella!—exclamava elle. —Que paciencia! E estudava, estudava sempre, sempre! Havia de ser um grande artista!

Um dia a rapariga adoeceu, e, logo pouco tempo depois morreu.

E morreu, deitada sobre os joelhos d'elle, no momento em que elle tocava a ultima variação dos Estudos Symphonics.

E' por isto que elle é genial, e parece endoidecer quando toca esta pagina de Schumann.

—O commentario do professor de piano do Conservatorio de Lisboa:—Qu'indecente!

Adeus, Mestre, até quinta-feira.

RUY COELHO.

